



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Dissertação de Mestrado

Fundações Morais e Comportamento Prosocial:

Um Modelo de Moderação da Compaixão

Cristiano Ramalho

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Brasília - DF

Março de 2026



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Fundações Morais e Comportamento Prosocial:

Um Modelo de Moderação da Compaixão

Cristiano Ramalho

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social, do Trabalho e das Organizações como
requisito parcial à obtenção do grau de Mestre
em Psicologia Social, do Trabalho e das
Organizações.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Brasília - DF

Março de 2026

Dissertação de mestrado defendida diante e avaliada pela banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Ronaldo Pilati (Orientador)

Instituto de Psicologia

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Cláudia Marcia Lyra Pato (Membro Interno)

Instituto de Psicologia

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Alexandre Magno Dias Silvino (Membro Externo)

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep

Prof. Dr. Josemberg Moura de Andrade

(Suplente)

Instituto de Psicologia

Universidade de Brasília

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha esposa, Carol Vilhena, pelo amor cotidiano, pelas longas conversas sobre os temas deste trabalho e, sobretudo, por sustentar, com alegria, presença e generosidade, o espaço emocional que tornou este percurso possível. Obrigado por caminhar comigo.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Jandira, e à minha irmã, Renata, pelo apoio constante, pela paciência com a distância, pelo cuidado que atravessa o tempo e pela confiança silenciosa que sustenta minhas escolhas. Vocês foram base e abrigo em todas as etapas desse caminho.

Ao meu orientador, Ronaldo Pilati, agradeço pela enorme compreensão e perseverança em me mostrar, do melhor modo possível, os caminhos da pesquisa acadêmica. Sua orientação foi decisiva para transformar ideias em um projeto consistente e para manter o rigor sem perder o sentido humano do tema.

Aos meus colegas do Laboratório de Psicologia Social (LAPSI), deixo meu reconhecimento pela parceria e pela comunidade construída ao longo dos últimos anos. Obrigado pelas discussões teóricas e metodológicas, pelas leituras, pelos comentários que desafiam e refinam, e também pelo apoio silencioso que aparece nas pequenas (mas muito numerosas!) ajudas e na convivência. Pesquisar é um trabalho coletivo, e este estudo carrega muito desse coletivo.

Agradeço, ainda, aos meus muitos professores e professoras de compaixão, que me ensinaram mais do que teorias: vocês me deram uma direção e um propósito. Agradeço em especial a Thupten Jinpa e Margaret Cullen pela clareza e profundidade com que articulam compaixão, ética e humanidade, e às professoras do Compassion Cultivation Training (CCT) de Stanford, por me apresentarem um caminho prático e consistente de perceber e viver o mundo que atravessou este trabalho do começo ao fim.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que participaram da pesquisa, doando tempo, atenção e sinceridade. Sem essa disponibilidade, nenhuma pergunta poderia ser respondida e nenhum resultado poderia existir.

Lista de Tabelas

	Página
Tabela 1	34
Tabela 2	37
Tabela 3	39
Tabela 4	44

Lista de Figuras

	Página
Figura 1.....	22
Figura 2.....	41
Figura 3.....	41
Figura 4.....	42
Figura 5.....	47

Lista de Abreviações

EAA – Escala de Altruísmo Autoinformado

EBCSC - Escala Breve de Compaixão de Santa Clara

IRI - Interpersonal Reactivity Index

IRI – CE - Interpersonal Reactivity Index - Consideração Empática

IRI – TP - Interpersonal Reactivity Index - Tomada de Perspectiva

QFM – Questionário das Fundações Morais

Lista de Anexos

	Página
Anexo 1 – Dados Sociodemográficos	65
Anexo 2 – Análises Fatoriais Confirmatórias das escalas utilizadas	68
Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	73
Anexo 4 – Questionário das Fundações Morais 2.....	74
Anexo 5 – Escala Breve de Compaixão de Santa Clara (EBCSC).....	76
Anexo 6 – Escala de Medos da Compaixão.....	77
Anexo 7 - Interpersonal Reactivity Index (IRI)	78
Anexo 8 – Escala de Altruísmo Autoinformado	79
Anexo 9 – Dilema Compaixão	81

Sumário

	Página
Agradecimentos	4
Lista de Tabelas	6
Lista de Figuras.....	7
Lista de Abreviações.....	8
Lista de Anexos.....	9
Resumo.....	11
Abstract	12
Introdução.....	13
Moralidade e a Teoria das Fundações Morais	16
Compaixão	18
Comportamento Prosocial	20
Método.....	24
Participantes.....	24
Instrumentos	26
Procedimentos de Coleta e análise de dados	32
Resultados.....	33
Discussão.....	47
Referências.....	56
Anexos	65

Resumo

O presente estudo investigou a relação entre os fundamentos morais e o comportamento prosocial, examinando se a compaixão e os medos em oferecê-la moderam essa associação. Baseando-se na Teoria das Fundações Morais, objetivou-se testar um modelo preditivo que integra julgamento moral e mecanismos afetivos. Participaram 458 adultos brasileiros que responderam ao Questionário de Fundações Morais (QFM-2), à Escala de Altruísmo Autoinformado (EAA), às escalas de Compaixão de Santa Clara (EBCSC) e Medos da Compaixão e a um cenário de ajuda. As análises principais foram conduzidas por meio de regressão linear hierárquica múltipla e regressão logística binária. Os resultados indicaram que a compaixão é o preditor mais robusto do altruísmo ($p < 0,001$), superando o peso das fundações morais isoladas e aumentando significativamente a variância explicada do modelo. Oferecendo suporte parcial às hipóteses de moderação, a compaixão amplificou especificamente a associação entre Igualdade e altruísmo. Adicionalmente, os medos da compaixão emergiram como barreiras inibitórias, revertendo a influência da Proporcionalidade e atenuando a probabilidade de ajuda máxima no cenário de dilema. Conclui-se que, embora a compaixão atue como motivação central, a conversão de fundamentos morais em comportamento é condicionada por mecanismos de regulação afetiva.

Palavras-chaves: Fundações Morais; Compaixão; Altruísmo; Psicologia Moral; Medos da Compaixão.

Abstract

The present study investigated the relationship between moral foundations and prosocial behavior, examining whether compassion and fears of compassion moderate this association. Grounded in Moral Foundations Theory, this study aimed to test a predictive model integrating moral judgment and affective mechanisms. Participants were 458 Brazilian adults who completed the Moral Foundations Questionnaire (MFQ-2), the Self-Reported Altruism Scale (SRA), the Santa Clara Brief Compassion Scale (SCBCS), the Fears of Compassion Scales, and a helping scenario (dilemma). Main analyses were conducted using hierarchical multiple linear regression and binary logistic regression. Results indicated that compassion was the most robust predictor of altruism ($p < .001$), surpassing the influence of individual moral foundations and significantly increasing the model's explained variance. Offering partial support for moderation hypotheses, compassion specifically amplified the association between Equality and altruism. Additionally, fears of compassion emerged as inhibitory barriers, reversing the influence of Proportionality and attenuating the likelihood of maximum help in the dilemma scenario. It is concluded that, although compassion acts as a central motivation, the conversion of moral foundations into behavior is conditioned by affective regulation mechanisms.

Keywords: moral foundations; Compassion; Altruism; Moral Psychology; fears of compassion

Introdução

O ciclone tropical que atingiu a cidade de São Paulo no final de 2025, a tragédia das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul e a “epidemia” de saúde mental mundial parecem nos lembrar de que o sofrimento, seja físico, mental ou social, permeia uma parte considerável da experiência humana. Embora as mídias, de modo geral, em grandes eventos como os exemplos acima, deem grande destaque a tragédias e infortúnios, é importante atentar para o fato de que, seja em situações cotidianas ou em eventos extremos, a cooperação e a ajuda são parte importante do que constitui os seres humanos enquanto animais sociais.

Tão plural quanto as ocorrências e circunstâncias que provocam o sofrimento é a quantidade de formas subjetivas pelas quais respondemos e reagimos a essas situações. Uma forma específica de resposta ao sofrimento é a compaixão, um conceito multifacetado que implica o reconhecimento do sofrimento e a motivação para aliviá-lo, embora nem sempre os seres humanos saibam como ou desejem mitigar o sofrimento de outros. Gilbert (2011) afirma que, tão importante quanto entender a compaixão, é preciso compreender por que algumas pessoas ativamente resistem a se engajar em comportamentos de ajuda e/ou compassivos (Gilbert et al., 2011; Pfeiffer et al., 2024).

Imbricada neste mesmo tecido social está a moralidade, um produto entre a biologia e a cultura, constituída por meio das nossas interações sociais que influencia e dita nossas noções de certo e errado em nossas experiências cotidianas de cuidado, justiça e trocas com os outros.

Embora os termos “ética” e “moral” sejam frequentemente empregados como equivalentes no discurso cotidiano, uma distinção analítica pode contribuir para delimitar o escopo do presente estudo. Em linhas gerais, ética refere-se ao campo reflexivo-normativo que problematiza o que conta como uma vida boa e quais justificativas sustentam princípios e condutas, reconhecendo tensões e pluralidade de perspectivas (Williams, 1994). Moralidade, por sua vez, pode ser compreendida, no plano psicológico e social, como o conjunto de normas, avaliações e obrigações mobilizadas no cotidiano para orientar julgamentos sobre o certo e o errado, o permitido e o proibido, especialmente em situações envolvendo dano, justiça, dever e cooperação (Haidt, 2012). Assim, este trabalho não busca arbitrar um sistema

normativo sobre o “bem” (ética filosófica), mas investigar processos psicológicos pelos quais orientações morais se conectam (ou não) a disposições prosociais.

No campo da psicologia, valores são usualmente definidos como crenças relativamente estáveis acerca de metas desejáveis e modos preferíveis de agir, funcionando como critérios que organizam preferências, escolhas e justificativas (Rokeach, 1973). A Teoria de Valores Básicos de Schwartz propõe que valores são metas transituacionais hierarquizadas em importância, associadas a motivações humanas fundamentais, e que orientam padrões consistentes de avaliação e ação (Schwartz, 2012). Contudo, essa mesma literatura reconhece que valores gerais tendem a prever comportamentos concretos de forma imperfeita, pois a passagem “valor -> ação” depende de condições situacionais, custos percebidos, oportunidades e estados afetivos imediatos (Schwartz, 2012).

A psicologia moral contemporânea também descreve a moralidade como um sistema multicomponente que inclui (a) sensibilidade a aspectos moralmente relevantes, (b) julgamento sobre o que é correto, (c) motivação para priorizar o moral frente a interesses concorrentes e (d) implementação da ação, isto é, autorregulação e habilidade para executar o comportamento (Rest & Barnett, 1986). Essa estrutura é particularmente útil para compreender por que aprovar princípios morais ou endossar valores prosociais não garante, por si só, a ocorrência de comportamentos de ajuda: falhas podem ocorrer em qualquer etapa, sobretudo na motivação e na execução. Além disso, abordagens influentes sugerem que julgamentos morais muitas vezes emergem de processos intuitivos e afetivos rápidos, sendo posteriormente racionalizados, o que reforça o papel de mecanismos emocionais na moralidade vivida (Haidt, 2012).

À luz dessas distinções, o presente estudo focaliza a moralidade como fenômeno psicológico cotidiano, isto é, padrões de avaliação e motivação que podem orientar (ou não) o comportamento pró-social. Nesse enquadramento, emoções orientadas ao cuidado podem funcionar como mecanismos proximais que impulsionam a ação, enquanto processos inibitórios — ligados à evitação, ameaça ou autoproteção — podem reduzir a expressão comportamental de disposições morais. Essa integração

entre valores, moralidade e mecanismos afetivo-motivacionais fornece o pano de fundo conceitual para compreender quando fundamentos morais se convertem em comportamento de ajuda.

A literatura em psicologia social e moral tem demonstrado que julgamentos e fundamentos morais constituem elementos substanciais na motivação prosocial, isto é, ações voluntárias voltadas ao benefício de outras pessoas (Eisenberg & Miller, 1987; Haidt & Graham, 2007). Desde os trabalhos pioneiros de Kohlberg (1994), entende-se que o raciocínio moral envolve uma estrutura de princípios que orienta o indivíduo a avaliar situações de justiça, direitos e bem-estar coletivo, numa estrutura monista que tem a noção de dano como eixo principal, isto é, uma estrutura monista de moralidade.

O início do século XXI viu surgir teorias pluralistas de moralidade. Entre essas abordagens está a Teoria das Fundações Morais (TFM; Graham et al., 2013; Haidt & Joseph, 2004). A TFM ampliou a compreensão de moralidade além do dano ao apontar que os julgamentos morais não se baseiam apenas em processos racionais, mas também em intuições sociais automáticas relacionadas a diferentes domínios morais, como cuidado, justiça, lealdade, autoridade e pureza. Essas dimensões morais fornecem o pano de fundo motivacional para julgamentos sobre o certo e o errado, inclusive sobre comportamentos de ajuda e cooperação.

Embora haja avanços, a psicologia segue investigando a ligação entre essas dimensões morais e comportamento de ajuda onde processos emocionais, especialmente aqueles relacionados à compaixão, podem atuar como mecanismos moderadores desse vínculo.

A fim de avaliar as questões acima, o presente estudo tem, como objetivo geral, examinar como a compaixão, um estado afetivo e disposicional de ajudar alguém em sofrimento (Gilbert et al., 2011; Strauss et al., 2016), pode moderar a relação entre comportamentos morais, especialmente os ligados às dimensões de cuidado e igualdade, e comportamentos de ajuda (especificamente no altruísmo autodeclarado), bem como se os medos de oferecer a compaixão podem mitigar a compaixão como força moderadora da relação entre moralidade e comportamento prosocial.

Moralidade e a Teoria das Fundações Morais

A moralidade pode ser definida como um sistema interconectado de valores, virtudes, normas, práticas, identidades, instituições e mecanismos psicológicos que têm como objetivo regular o interesse próprio e possibilitar a cooperação social (Haidt, 2012). De modo semelhante, Greene (2014) define a moralidade como um conjunto de adaptações psicológicas que permitem que indivíduos naturalmente egoístas obtenham os benefícios da cooperação. Desse modo, a função central das normas morais é inibir o egoísmo, favorecer os interesses da comunidade e promover comportamentos cooperativos ao estabelecer normas e padrões que orientam as pessoas sobre o que é certo e o que é errado.

A Teoria das Fundações Morais (TFM) sustenta que a moralidade é pluralista e baseia-se em intuições que, embora inatas, são editadas pela experiência cultural (Graham et al., 2009). De acordo com essa teoria, essas intuições dividem-se em fundamentos individualizantes, que focam no cuidado e na justiça para proteger o indivíduo, e fundamentos coesivos (ou vinculativos), como lealdade, autoridade e pureza, que visam fortalecer os laços sociais e a ordem do grupo (Graham et al., 2013). Sob essa ótica, os fundamentos morais não se constituem apenas crenças abstratas, mas antecedentes importantes que orientam o indivíduo a agir, por exemplo, em benefício de outros.

Os fundamentos morais derivam de seis domínios parcialmente independentes (Atari et al., 2023; Graham et al., 2009, 2011): Cuidado (Intuições relativas à evitação de causar dano físico ou emocional a outra pessoa), Igualdade (Intuições relacionadas ao tratamento igualitário e à busca por resultados igualitários para os indivíduos), Proporcionalidade (Intuições sobre a ideia de que pessoas devem ser recompensadas de acordo com seu mérito ou contribuição), Lealdade (intuições sobre a importância da cooperação com grupos de pertencimento (endogrupo) e da competição com grupos externos (exogrupo), Autoridade (intuições sobre deferência e respeito a autoridades legítimas, valorização de tradições, estabilidade social e prevenção do caos) e Pureza (intuições sobre evitar a contaminação, degradação ou corrupção física e/ou moral).

Cada um destes domínios, operacionalizados no Questionário das Fundações Morais (QFM), reflete adaptações a problemas sociais, oferecendo um arcabouço pluralista para explicar a variação intercultural em valores morais (Atari et al., 2023; Graham et al., 2009, 2013; Haidt, 2012). Ao buscar evidências de validade no contexto brasileiro do QFM-1, Silvino et al. (2016), indicaram que uma estrutura de dois fatores foi a melhor solução encontrada, sendo o primeiro fator Individualizante ($\alpha = 0,91$) e o segundo, Coesivo ($\alpha = 0,87$).

O fator individualizante refere-se a transgressões morais que recaem sobre uma pessoa específica e divide-se em dois eixos. O primeiro eixo é a prevenção de dano, alicerçada em sistemas evolutivos de apego, que desperta motivações de cuidado e valoriza virtudes como a compaixão e a bondade. O segundo é a justiça, derivada de mecanismos de altruísmo recíproco e de detecção de trapaceiros, que favorece a cooperação e sustenta a virtude do tratamento equitativo. Já o fator coesivo aborda transgressões que ameaçam o grupo e abrange três domínios: lealdade, autoridade e pureza. A lealdade, ligada a mecanismos evolutivos de formação de coalizões, sustenta a confiança e a camaradagem. O respeito à autoridade, ancorado em sistemas que regulam hierarquias sociais, favorece a liderança, a obediência e a deferência. Já a pureza, derivada da emoção de nojo e que, originalmente era supostamente voltada à evitação de patógenos, passou a englobar receios de “contaminação” moral e valoriza limpeza, contenção e castidade (Graham et al., 2013).

A TFM vem sofrendo, desde o seu surgimento, críticas quanto ao enviesamento dos conteúdos, à quantidade artificial de fundamentos e à arbitrariedade da categorização (Strupp-Levitsky et al., 2020; Suhler & Churchland, 2011). O seu principal instrumento de medição também é alvo de críticas. Entre estas, está o fato de que o QFM1 apresenta problemas de consistência em amostras não anglófonas (Iurino & Saucier, 2018; Silvino et al., 2016) e que o questionário agrega em uma só dimensão denominada “justiça” itens distintos associados à noção de proporcionalidade e de igualdade. Tentativas de contornar esses e outros problemas levaram Atari et al. (2023) a desenvolver um novo questionário, denominado Questionário das Fundações Morais 2 (QFM2), tendo como princípios o (1) desmembramento do fator Justiça em dois fatores distintos (Igualdade e

Proporcionalidade) e (2) o desenvolvimento de um novo conjunto de sentenças, eliminando desse modo o formato do questionário anterior que possuía dois tipos de itens (relevância moral e julgamento).

Diferentemente da proposta original (Atari et al., 2023), o estudo que buscou evidências de validade para o contexto brasileiro do QFM2 encontrou o melhor ajuste em uma estrutura de cinco fatores (Martins, Ramalho, & Pilati, manuscrito não publicado), tendo os fundamentos lealdade e autoridade se combinado em um único fator. Os demais fatores foram cuidado, igualdade, proporcionalidade e pureza.

A Teoria das Fundações Morais sugere que Cuidado e Igualdade orientam a proteção de vulneráveis e o tratamento justo e que tais fundamentos costumam prever comportamentos de ajuda a desconhecidos. Dado o caráter pluralista da TFM, é de se supor que algumas dimensões tenham relações de diferentes magnitudes com os comportamentos de ajuda. Por exemplo, evidências empíricas indicam que a dimensão Cuidado apresenta a ligação mais robusta com emoções orientadas ao outro, visto que violações que geram sofrimento podem ativar uma variedade de estados afetivos, incluindo a compaixão (Goetz et al., 2010; Landmann & Hess, 2018).

Por sua vez, a dimensão Igualdade, fundamento desmembrado da antiga dimensão de Justiça na segunda versão do QFM, também se associa positivamente à compaixão, pois envolve alvos de tratamento desigual (Zakharin & Bates, 2023). Nos demais domínios (i.e. lealdade/autoridade, proporcionalidade e pureza), o alvo moral é mais difuso (Gray et al., 2014; Schein & Gray, 2018), e talvez por isso, a relação com a compaixão tende a ser menor, o que implica afirmar que nem todas as fundações previstas no QFM-2 se associam igualmente à compaixão (Atari et al., 2023).

Compaixão

O sofrimento, como experiência humana, pode dar surgimento a diversos tipos de pensamentos, ações e emoções tais como tristeza, vergonha, raiva, medo etc., sendo a compaixão um tipo específico de resposta (Gilbert et al., 2011; Strauss et al., 2016).

Na literatura científica, a compaixão tem sido conceitualmente definida como estado emocional, motivação, traço disposicional ou atitude (Goetz et al., 2010; Matos et al., 2021). Desde Darwin, a compaixão tem sido estudada fora dos âmbitos da religião e virtude cultural, ganhando, nas últimas décadas, destaque como promotora de saúde física e mental, despontando, dessa forma, como objeto de interesse da psicologia (Gallagher et al., 2024; Sinclair et al., 2016; Strauss et al., 2016). Evolutivamente, a compaixão é reconhecida como uma estratégia adaptativa que favorece a sobrevivência e otimiza recursos no grupo (Gilbert, 2015; Gilbert et al., 2011; Stellar et al., 2015).

A compaixão pode ser definida como sensibilidade ao sofrimento (próprio e/ou dos outros) aliada a um compromisso de preveni-lo ou aliviá-lo (Gilbert, 2015, 2020; Matos et al., 2021). As definições de compaixão convergem ao posicionar a intenção de ajudar como elemento central, indo além da mera percepção ou da mímica emocional daquele que sofre. A compaixão, por definição, não implica (como a empatia) compartilhamento emocional. Embora não haja consenso sobre a natureza da compaixão, grande parte das definições assume dois elementos como centrais. Um elemento atencional (de atenção ao sofrimento) e outro intencional (de aliviar ou prevenir o sofrimento ou necessidade não atendida), tendo um papel relevante na promoção de comportamentos prosociais (Eisenberg & Miller, 1987; Penner et al., 2005; Stellar et al., 2015).

O senso comum e a literatura científica das últimas décadas compartilham sobreposições e ambiguidades entre conceitos como a compaixão e a empatia. A empatia, um constructo multidimensional composto por componentes cognitivos e afetivos que se desenvolvem ao longo do tempo, pode ser definida como a capacidade de compreender e compartilhar os estados internos de outras pessoas (Davis, 1983; Sampaio et al., 2011a). Ela se constitui como um tipo de resposta afetiva, influenciada tanto pelas características individuais quanto por fatores situacionais, e é compreendida como uma experiência vicária, isto é, um processo pelo qual um indivíduo vivencia estados afetivos e cognitivos que não se originam de sua própria situação, mas da observação ou imaginação da situação de outras pessoas. Esse tipo de resposta é ativado automaticamente, mas

também pode ser ajustado por processos conscientes de controle (Cuff et al., 2016; Eisenberg & Miller, 1987).

Nas últimas décadas, a literatura tem discutido a sobreposição conceitual entre empatia e compaixão, especialmente porque ambos os construtos envolvem respostas a estados de necessidade alheios. Para reduzir ambiguidades, este estudo adota uma distinção funcional na qual a empatia refere-se primariamente à capacidade de compreender e/ou ressoar com os estados internos de outra pessoa (componentes cognitivos e afetivos), ao passo que a compaixão envolve, além do reconhecimento do sofrimento, uma orientação motivacional voltada ao cuidado e à ajuda, isto é, uma propensão à aproximação e ao suporte. Essa distinção é relevante porque o modelo testado depende de um construto afetivo-motivacional com potencial de se traduzir em comportamento, ainda que autodeclarado; assim, a compaixão é tratada aqui como uma candidata plausível a condicionar a relação entre fundamentos morais e comportamento prosocial, em vez de ser confundida com processos empáticos mais gerais.

O debate a respeito do papel das emoções nas ações morais data de séculos (Eisenberg & Miller, 1987) sendo relativamente bem estudada a relação entre, por exemplo, empatia e comportamentos prosociais (Chierchia & Singer, 2017; Eisenberg & Miller, 1987; Pang et al., 2022), mas ainda é relativamente incipiente a literatura sobre compaixão e comportamentos prosociais (Chierchia & Singer, 2017; Lim & DeSteno, 2016; Yin & Wang, 2023).

Comportamento Prosocial

Comportamento prosocial pode ser definido como qualquer ação voluntária que visa beneficiar outra pessoa ou grupo. Essa categoria abrange diversos tipos de ações, como ajudar, cooperar, confortar e doar (Eisenberg & Spinrad, 2014; Penner et al., 2005). O termo funciona como um guarda-chuva, englobando fenômenos como o altruísmo, a ajuda e a cooperação.

Embora esses termos sejam, com alguma frequência, usados como equivalentes, diferem em aspectos importantes. Enquanto o comportamento de ajuda refere-se a uma ação unilateral para

auxiliar alguém em necessidade, a cooperação envolve indivíduos que agem de forma interdependente em busca de um objetivo comum (Penner et al., 2005). Por sua vez, o altruísmo é conceituado como um estado motivacional cujo objetivo final é aumentar o bem-estar de outrem, contrastando, dessa forma, com o egoísmo (Batson, 2017). Nesse cenário, a compaixão surge como motivador central do comportamento altruísta (Goetz & Simon-Thomas, 2017).

Tipicamente, a literatura identifica múltiplos fatores antecedentes que facilitam o comportamento prosocial. Esses fatores podem ser divididos em influências distais (evolutivas) e proximais (psicológicas e contextuais). Do ponto de vista evolutivo, o comportamento prosocial é sustentado pela (a) seleção de parentesco, com a ajuda a membros da família para preservação dos genes comuns, pelo (b) altruísmo recíproco, com a ajuda a estranhos com expectativa de retorno futuro, e pela (c) seleção de grupo, cujo raciocínio é de que comportamentos prosociais podem ser favorecidos pela evolução quando beneficiam o grupo como um todo, de modo que grupos mais cooperativos tendem a sobreviver e se reproduzir mais do que grupos menos cooperativos (Goetz & Simon-Thomas, 2017; Penner et al., 2005). No nível psicológico, a hipótese da empatia-altruísmo de Batson (1981, 2017) sugere que a preocupação empática gera uma motivação puramente altruísta para ajudar. O engajamento em comportamentos prosociais gera consequências profundas que retroalimentam o sistema social e o bem-estar individual e, no nível interpessoal, os atos de ajuda fortalecem os vínculos sociais, aumentam a confiança e geram capital social nas comunidades e organizações (Condon & DeSteno, 2017).

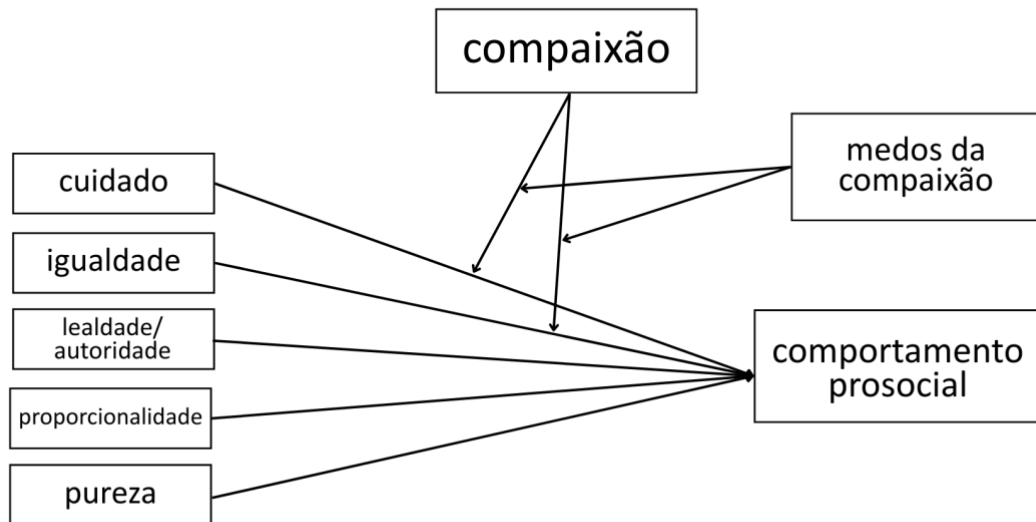
Ainda assim, persiste certa lacuna sobre como e quando esses fundamentos se convertem em ações de ajuda, ainda que autodeclaradas. Parte dos estudos testa associações bivariadas ou assume que a moralidade opera por vias puramente cognitivas, ignorando o papel das emoções ligadas ao cuidado (Avramova & Inbar, 2013; Haidt, 2012; Landmann & Hess, 2018). Mesmo quando a compaixão é incluída, costuma ser tratada como variável dependente, ou seja, como consequência da moralidade, e não como processo que potencializa (modera) a passagem dos princípios morais

para o comportamento (Lim & DeSteno, 2016). Assim, permanece subexplorado se, de fato, a compaixão pode impulsionar atos prosociais no cotidiano.

A Figura 1 apresenta o modelo teórico de moderação moderada investigado neste estudo. Diferentemente de uma abordagem genérica sobre a moralidade, o modelo postula que o mecanismo interativo incide especificamente sobre os fundamentos Cuidado e Igualdade, dada a sua base teórica orientada à proteção do indivíduo e à mitigação de desvantagens e do sofrimento (Graham et al., 2013). A Compaixão é hipotetizada como moderadora da relação entre esses fundamentos e o Comportamento Prosocial, sendo a magnitude desse efeito condicional regulada pelos níveis de Medos da Compaixão (interação de três vias). Para garantir que os efeitos observados sejam exclusivos dessas dimensões, os fundamentos coesivos (Lealdade/Autoridade, Proporcionalidade e Pureza) são tratados no modelo estatístico como covariáveis de controle.

Figura 1

Modelo Conceitual de Moderação Moderada entre Fundações Individualizantes e Comportamento Prosocial



Com base no referencial teórico, este estudo estabelece predições sobre como mecanismos afetivo-motivacionais condicionam a relação entre as fundações morais e o comportamento prosocial. Especificamente, prevê-se que a compaixão disposicional atue como moderadora positiva da associação entre os fundamentos individualizantes (Cuidado e Igualdade) e o comportamento prosocial. Espera-se que a relação entre esses fundamentos e a ação de ajuda seja amplificada em indivíduos com maiores níveis de compaixão, dada a congruência motivacional voltada à proteção do bem-estar individual. Em contraste, não se antecipa um padrão de moderação robusto para as fundações coesivas (Lealdade/Autoridade, Proporcionalidade e Pureza), uma vez que estes domínios priorizam a coesão grupal e a ordem social, objetivos que não se traduzem necessariamente em respostas diretas de cuidado. Por fim, prevê-se que os medos de oferecer compaixão atuem como fator inibitório, enfraquecendo a expressão comportamental das orientações morais, ou seja, reduzindo a força com que os fundamentos se convertem em comportamento prosocial autodeclarado.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 458 participantes brasileiros, maiores de 18 anos ($M = 33,29$; $DP = 9,17$). O tamanho amostral foi determinado *a priori* utilizando o software G*Power 3.1.9.6 (Faul et al., 2009). Para o teste de regressão linear múltipla, adotaram-se os parâmetros $(1-\beta)$ de 0,95, nível de significância (α) de 0,05 e tamanho de efeito esperado f^2 de 0,07. O cálculo inicial considerou a inclusão de 12 preditores, referentes ao modelo de teste das hipóteses centrais do estudo (efeitos diretos e interações de duas vias). Com base nesses critérios, o tamanho amostral mínimo indicado foi de 442 participantes.

Essa estimativa fundamenta-se em evidências de que as associações entre os fundamentos morais individualizantes (Cuidado e Igualdade), a compaixão e o comportamento prosocial apresentam correlações tipicamente entre $r=0,20$ e $r=0,30$ (Curry et al., 2019; Goetz et al., 2010; Graham et al., 2013). Matematicamente, tais coeficientes de correlação correspondem a valores de f^2 entre 0,04 e 0,10. Embora os termos de interação tendam a explicar uma variância adicional menor do que os efeitos diretos em processos condicionais (Hayes, 2018), uma análise de sensibilidade posterior indicou que a amostra final obtida ($N = 458$) preserva o poder estatístico de 0,95, mesmo no modelo exploratório completo (23 preditores), condicionado à detecção de efeitos de tamanho igual ou superior a $f^2 = 0,07$.

Na presente amostra, 74,2% identificaram-se como mulheres (cisgênero ou transgênero), 22,9% como homens (cisgênero ou transgênero) e 1,7% preferiram não responder. Sobre raça/cor, 51,7% declararam-se brancos(as), 36,5% pardos(as), 9,2% pretos(as), 2,2% amarelos(as), 0,2% indígenas e 0,2% preferiram não responder. Quanto à escolaridade, a maioria informou Ensino Superior Completo (43,0%) ou Pós-graduação (22,1%), totalizando 65,1% com nível superior concluído; os demais relataram Ensino Superior Incompleto (13,5%), Ensino Médio Completo (18,8%), Ensino Médio Incompleto (2,0%) e Ensino Fundamental Completo (0,7%). No que diz

respeito à renda mensal, 36,0% reportaram renda de R\$ 1.001 - R\$ 5.000, 28,8% entre R\$ 5.001 - R\$ 10.000 e 29,9% acima de R\$ 10.000; 2,8% indicaram até R\$ 1.000 e 2,4% preferiram não responder.

A amostra foi composta por participantes adultos provenientes de diferentes estados do Brasil, abrangendo todas as cinco regiões geográficas do país. Houve maior concentração de respondentes nas regiões Sudeste e Sul, especialmente nos estados de São Paulo (19%), Minas Gerais (11%) e Rio de Janeiro (10%), seguidos por Paraná (9%), Bahia (8%) e Rio Grande do Sul (8%). As demais unidades federativas apresentaram frequência inferior a 7% cada, refletindo um padrão consistente com a distribuição populacional brasileira e com o alcance digital da coleta de dados.

No que se refere aos indicadores de posicionamento sociopolítico e econômico, os participantes apresentaram identidade econômica em níveis moderadamente liberais ($M = 5,75$, $DP = 2,12$; escala de 1 = nada liberal a 10 = totalmente liberal). Quanto à identidade social, observou-se uma tendência levemente progressista ($M = 6,02$, $DP = 2,29$; escala de 1 = totalmente conservador a 10 = totalmente progressista). A orientação política média, por sua vez, apresentou-se levemente à direita ($M = 6,23$, $DP = 2,34$; escala de 1 = extrema esquerda a 10 = extrema direita). Esses resultados sugerem que a amostra, em média, se caracteriza por posicionamentos intermediários nas dimensões políticas, sociais e econômicas, refletindo diversidade ideológica e ausência de polarização acentuada.

Indicadores de religiosidade (DUREL) mostraram que 88,9% afirmaram crer em Deus (11,1% não). Entre os que afirmaram não crer em Deus, 3,1% assinalaram ser ateus e 8,1% agnósticos. Em termos de filiação religiosa, 36,7% declararam-se católicos, 30,8% evangélicos, 7,2% espíritas, 15,7% outros e 9,6% não responderam. A frequência aos serviços religiosos distribuiu-se da seguinte forma: uma vez por semana (26,2%), algumas vezes por ano (25,1%), nunca (14,4%), uma vez por ano ou menos (13,3%), mais de uma vez por semana (12,4%) e duas a três vezes por semana (8,5%). Por fim, quanto ao tempo de prática religiosa (p. ex., orações, leituras etc.), 42,6% relataram praticar diariamente, 13,8% mais de uma vez ao dia, 10,5% duas ou mais vezes por semana, 8,1% uma vez

por semana, 7,9% poucas vezes por mês e 17,2% raramente ou nunca. Os dados demográficos completos encontram-se no Anexo 1.

Instrumentos

Questionário das Fundações Morais 2 (QFM-2)

A moralidade foi avaliada pela versão brasileira do Questionário das Fundações Morais 2 (Atari et al., 2023; Martins, Ramalho & Pilati, manuscrito não publicado). O QFM-2 é uma medida de intuições ou juízos morais baseada na Teoria dos Fundamentos Morais (Graham et al., 2013; Haidt & Joseph, 2004), composta por 30 itens distribuídos em cinco dimensões: Lealdade/Autoridade, Cuidado, Igualdade, Proporcionalidade e Pureza. As respostas são dadas em escala Likert de cinco pontos com as seguintes opções de resposta: (1) Não me descreve de forma alguma; (2) Descreve-me ligeiramente; (3) Descreve-me moderadamente; (4) Descreve-me bem e (5) Descreve-me extremamente bem.

No presente estudo, as subescalas apresentaram fidedignidade interna adequada, com coeficientes α e ω indicando boa consistência interna em suas dimensões. As dimensões Autoridade/Lealdade ($\omega = 0,89$ e $\alpha = 0,89$), Cuidado ($\omega = 0,88$ e $\alpha = 0,88$) e Igualdade ($\omega = 0,89$ e $\alpha = 0,88$) exibiram alta fidedignidade, enquanto Proporcionalidade ($\omega = 0,79$; $\alpha = 0,79$) e Pureza ($\omega = 0,76$; $\alpha = 0,73$) apresentaram consistência moderada, porém aceitável para fins de pesquisa. Esses resultados indicam precisão psicométrica suficiente do QFM-2 para a amostra analisada.

Antes da realização da análise fatorial confirmatória (AFC), foram conduzidos testes para verificar a adequação dos dados. O índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) indicou excelente adequação amostral (KMO = 0,92), e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo, $\chi^2(435) = 7.093,14$, $p < 0,001$, confirmando a existência de correlações suficientes entre os itens. O tamanho da amostra (N = 458) atende às recomendações de Hair et al. (2019) e de Kline (2016), garantindo estabilidade paramétrica e poder estatístico adequados ao modelo. A inspeção dos índices de assimetria e

curtose mostrou distribuições levemente não normais. As correlações entre os itens ficaram abaixo de .90, indicando ausência de multicolinearidade (Kline, 2016).

A estrutura de cinco fatores do Questionário das Fundações Morais – QFM-2 foi testada por meio de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) utilizando o estimador *Maximum Likelihood Robust* (MLR), adequado a pequenas violações de normalidade multivariada. O modelo teórico de cinco dimensões (i.e. Autoridade/Lealdade, Cuidado, Igualdade, Proporcionalidade e Pureza) apresentou ajuste global aceitável aos dados, $\chi^2(395) = 1.162,79$, $p < 0,001$, com razão $\chi^2/gl = 2,94$, RMSEA = 0,07 (IC90% = [0,06, 0,07], $p < 0,001$) e SRMR = 0,07, valores que indicam erro médio de aproximação moderado, porém dentro dos limites razoável ($\leq 0,08$; Browne & Cudeck, 1992; Hu & Bentler, 1999).

Os índices comparativos de ajuste apresentaram valores ligeiramente abaixo dos critérios ideais, mas ainda considerados adequados para modelos teóricos complexos com múltiplos fatores correlacionados (Kline, 2016), CFI = 0,89, TLI = 0,88, IFI = 0,89 e NFI = 0,84. Embora os índices incrementais estejam abaixo de 0,90, tais resultados são interpretáveis considerando o tamanho amostral ($N = 458$), a presença de itens com variância residual elevada e o caráter multifatorial do instrumento. Os critérios de informação indicaram uma parcimônia razoável do modelo (AIC = 37.126,43; BIC = 37.415,01; SSABIC = 37.192,85).

As cargas fatoriais padronizadas foram significativas ($p < 0,001$) e variaram de 0,45 a 0,91, indicando contribuições substanciais dos itens para seus respectivos fatores. Os fatores apresentaram correlações positivas e moderadas ($0,12 \leq r \leq 0,68$), consistentes com a hipótese de fundamentos morais parcialmente interdependentes, conforme descrito por Graham et al. (2013).

De modo geral, o modelo de cinco fatores demonstrou ajuste satisfatório e coerência estrutural com a Teoria dos Fundamentos Morais, fornecendo suporte empírico à validade fatorial do QFM-2 no contexto brasileiro. Pequenas discrepâncias nos índices incrementais sugerem que ajustes futuros tais como refinamento de itens com cargas inferiores a 0,50 (por exemplo, Pureza e Proporcionalidade) ou revisão de correlações residuais podem otimizar o desempenho do modelo.

Os índices completos das AFC estão no Anexo 2. A escala, tal como utilizada no presente estudo, encontra-se no Anexo 3.

Escala Breve de Compaixão de Santa Clara

A Escala Breve de Compaixão de Santa Clara (EBCSC; *Santa Clara Brief Compassion Scale*; Anexo 5) (Hwang et al., 2008; Marchetti et al., 2018) avalia a compaixão disposicional com cinco itens, respondidos em escala Likert de 7 pontos (1 = "nada verdadeiro para mim", 7 = "muito verdadeiro para mim"). No estudo, utilizou-se a versão adaptada e validada para o contexto brasileiro por Marchetti et al. (2018) cujas análises psicométricas prévias indicaram consistência interna satisfatória e estrutura unifatorial, explicando 62,48 % da variância total dos escores. Dada a variedade de instrumentos e escalas no presente trabalho, optou-se pelo uso de *sliders* de 101 pontos (0 – 100). A escala apresentou excelente consistência interna: $\omega = 0,90$; IC95% [0,89; 0,92] e $\alpha = 0,90$; IC95% [0,89; 0,92].

A validade de construto foi avaliada por meio de Análise Fatorial Confirmatória (estimador *Maximum Likelihood*), que corroborou a estrutura unidimensional teórica, $\chi^2 (5)=102,71$, $p < 0,001$. Os índices de qualidade de ajuste obtidos foram: CFI = 0,94; TLI = 0,87; RMSEA = 0,21 (IC 90% [0,17; 0,24]) e SRMR = 0,05. Todas as cargas fatoriais padronizadas foram estatisticamente significativas ($p < 0,001$) e elevadas, variando de $\lambda = 0,73$ a $\lambda = 0,87$, atestando a validade fatorial da medida para o presente estudo.

Escala de Medos da Compaixão (Medos em Oferecer a Compaixão)

A Escala de Medos de Compaixão é composta por três subescalas: medos de oferecer a compaixão, medos de receber compaixão e medo da autocompaixão (Gilbert et al., 2011; Pfeiffer et al., 2024). Utilizou-se, no presente estudo, apenas a escala de medos de oferecer compaixão (Anexo 6). Essa subescala possui 9 afirmações que são avaliadas em uma escala Likert (de 0 a 4) sendo 0 "Discordo totalmente" e 4 "Concordo totalmente". No estudo de Pfeiffer et al. (2024) os índices

encontrados foram $KMO = 0,85$, $\alpha = 0,84$ e $\omega = 0,83$, $SRMR = 0,07$, $RMSEA$ (IC 90%) = $0,08$ [$0,06 - 0,10$], $CFI = 0,97$ e $TLI = 0,96$. Na presente amostra, a subescala foi utilizada como um *slider* de 101 pontos (0 a 100) e apresentou boa fidedignidade: $\omega = 0,86$; IC95% [$0,84; 0,88$] e $\alpha = 0,86$; IC95% [$0,84; 0,88$].

Foi conduzida uma análise fatorial confirmatória (AFC) para avaliar a estrutura unidimensional da escala de Medos da Compaixão (Medos em oferecer compaixão; 9 itens), estimada por máxima verossimilhança. O modelo de um fator apresentou ajuste global com teste qui-quadrado significativo, $\chi^2(27) = 137,91$, $p < 0,001$. Considerando os índices incrementais e de erro de aproximação, observou-se ajuste adequado segundo CFI ($CFI = 0,92$) e SRMR ($SRMR = 0,05$), enquanto o TLI foi ligeiramente inferior ao critério convencional de 0,90 ($TLI = 0,896$) e o RMSEA indicou ajuste limítrofe ($RMSEA = 0,10$, IC 90% [$0,08; 0,11$]). As estimativas dos parâmetros sustentaram a coerência do fator. A carga do Item 1 foi fixada em 1,00 para identificação do modelo e os demais itens apresentaram cargas fatoriais positivas e estatisticamente significativas ($\lambda = 0,81$ a $1,24$; todos $p < 0,001$), com intervalos de confiança de 95% que não incluíram zero. Em conjunto, os resultados indicam que os itens convergem para um único fator latente de medos de oferecer compaixão.

Interpersonal Reactivity Index (IRI)

O IRI (*Interpersonal Reactivity Index*) é uma medida multidimensional de empatia (Davis, 1983; Sampaio et al., 2011). O instrumento original contém 28 sentenças, agrupadas em quatro subescalas de 7 sentenças cada: Tomada de perspectiva (TP; *Perspective Taking*) – tendência a adotar o ponto de vista do outro; Consideração empática (CE; *Empathic Concern*) – sentimentos de compaixão/simpatia por quem sofre; Angústia pessoal (AP, *Personal Distress*) – desconforto autorreferido diante do sofrimento alheio; e Fantasia (FS, *Fantasy*) – tendência a se projetar em personagens de filmes/livros (Anexo 7). Na escala original as respostas são dadas em escala Likert de 5 pontos (sendo 1 “não me descreve bem” e 5 “descreve-me muito bem”). No presente estudo

foram utilizadas as subescalas (i) Tomada de Perspectiva (TP) e (ii) Consideração Empática (CE) mensuradas por meio de *sliders* de 101 pontos (0 a 100).

A adaptação para o contexto brasileiro apresentou evidências de validade estrutural, com análise fatorial confirmatória sustentando a estrutura original dessas dimensões e alfas de Cronbach considerados adequados (variando de 0,70 a 0,84). As duas subescalas mostraram correlações positivas significativas, coerentes com o modelo teórico de empatia, e demonstraram sensibilidade para detectar diferenças individuais relevantes, incluindo variações associadas ao gênero. Na presente amostra as estimativas de consistência interna foram adequadas. Para CE, $\omega = 0,90$, IC95% [0,88, 0,91], e $\alpha = 0,90$, IC95% [0,88, 0,91]. Para TP, $\omega = 0,85$, IC95% [0,83, 0,87], e $\alpha = 0,85$, IC95% [0,83, 0,87].

A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) indicou que o modelo de dois fatores correlacionados, Consideração Empática (CE) e Tomada de Perspectiva (TP), apresentou ajuste global moderado, $\chi^2(64) = 440,04$, $p < 0,001$, CFI = 0,89, TLI = 0,87, RMSEA = 0,11 [0,10 - 0,12], e SRMR = 0,07. Todas as cargas fatoriais foram elevadas e estatisticamente significativas ($\lambda = 0,70 - 1,13$; $p < 0,001$), sustentando a estrutura bidimensional proposta. A correlação entre os fatores foi positiva e significativa ($r \approx 0,79$, $p < 0,001$), refletindo a interdependência entre os componentes afetivo e cognitivo da empatia. As estimativas de Variância Média Extraída (AVE) e Confiabilidade Composta (CC) foram elevadas tanto para a CE (AVE = 0,99; CC > 0,99) quanto para a TP (AVE = 0,85; CC = 0,97), demonstrando forte validade convergente e alta consistência interna. Em conjunto, os resultados confirmam que a IRI apresenta evidências adequadas de validade fatorial e precisão, captando de forma coerente os aspectos afetivos e cognitivos da empatia.

Escala de Altruísmo Autoinformado (EAA)

A versão brasileira da Escala de Altruísmo Autoinformado (Gouveia et al., 2010) é composta por 17 itens, respondidos em escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (nunca) a 5 (sempre). A análise fatorial exploratória realizada no estudo original indicou um único fator que explicou 29% da

variância total. A consistência interna, avaliada pelo coeficiente alfa de Cronbach, foi adequada ($\alpha = 0,85$; homogeneidade média = 0,29). A estrutura unifatorial foi confirmada por análise fatorial confirmatória, com índices de ajuste satisfatórios (CFI = 0,93, TLI = 0,91, RMSEA = 0,05). No presente estudo também se utilizou um *slider* de 101 pontos (0 a 100), tendo a escala apresentado alta consistência interna: $\omega = 0,89$; IC95% [0,88; 0,91] e $\alpha = 0,89$; IC95% [0,88; 0,90].

Na presente amostra, a análise fatorial confirmatória (AFC) da Escala de Altruísmo Autoinformado (EAA) indicou que o modelo unifatorial apresentou ajuste global moderado, $\chi^2(119) = 496,56$, $p < 0,001$, CFI = 0,85, TLI = 0,83, RMSEA = 0,08 (IC 90% [0,08 – 0,09]), e SRMR = 0,06. As cargas fatoriais foram todas positivas e estatisticamente significativas ($\lambda = 1,00 - 1,92$; $p < 0,001$), evidenciando forte saturação dos itens no fator latente de altruísmo. A Variância Média Extraída (AVE = 0,33) e a Confiabilidade Composta (CC = 0,89) inferiores aos critérios recomendados (AVE \geq 0,50; CC \geq 0,70; Hair et al., 2019), indicando a necessidade de cautela ao interpretar a validade convergente estrita do fator, apesar da boa precisão do escore total. A escala, tal como utilizada no presente estudo, encontra-se no Anexo 8.

Dilema Moral Compassivo

Foi pedido aos participantes que respondessem à seguinte situação: “Um colega seu de profissão foi diagnosticado com uma doença grave e está organizando uma vaquinha online para custear um tratamento que é extremamente caro. Vocês se seguem nas redes sociais. Você vê o pedido da vaquinha online compartilhado em uma postagem dessa pessoa na sua rede social favorita. Sem o tratamento essa pessoa tem poucas chances de vida. Marque qual a probabilidade de você contribuir financeiramente para essa vaquinha sendo o mínimo "totalmente improvável" e o máximo "totalmente provável" (Anexo 9). A escala de resposta constituía-se de um *slider* de 0 (zero; totalmente improvável) a 100 (cem; totalmente provável). Na amostra ($n = 458$), a distribuição apresentou média = 85,86, DP = 22,13, mediana = 99, $P_{25} = 79$ e $P_{75} = 100$. Houve assimetria negativa

($g_1 = -1,97$) e curtose = 3,69; o teste de Shapiro–Wilk indicou desvio de normalidade ($W = 0,70$; $p < 0,001$). Observou-se efeito de teto uma vez que quase metade das respostas (49,1%) foram o máximo da escala (100).

Em seguida, na mesma página, os participantes responderam a seguinte questão “Baseado na sua última resposta, informe o quanto você estaria disposto a doar na vaquinha”. Os participantes registraram a quantidade correspondente ao mesmo cenário. O escore foi a quantidade informada. A distribuição foi extremamente assimétrica positiva (média = R\$184,0; DP = 355,1; mediana = R\$100; $P_{25} = 50$; $P_{75} = 150$; $g_1 = 4,46$; curtose = 24,41; Shapiro–Wilk $W = 0,45$; $p < 0,001$). A moda concentrou-se em valores redondos (R\$100 = 29,8%; 50 = 21,1%; 200 = 9,6%; 1.000 = 4,2%), com poucos extremos (p.ex., 3.000 = 0,4%). As três respostas cujos valores ficaram acima de três mil foram descartados por serem considerados casos extremos.

Além das escalas e do dilema acima, foi aplicado um questionário sociodemográfico (idade, sexo, gênero, escolaridade, renda, orientação política e filiação religiosa).

Procedimentos de Coleta e análise de dados

A coleta de dados ocorreu em outubro de 2025, de forma on-line, por meio da plataforma SoSci Survey. Os participantes foram convidados via painel BeSample e, ao acessarem o link, eram direcionados à página inicial da pesquisa. Após lerem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE; Anexo 3) e concordarem em participar, responderam, em uma única sessão, primeiro ao QFM-2 e, em seguida, em ordem aleatória, aos demais instrumentos descritos acima, sendo as perguntas sociodemográficas as últimas a serem respondidas. A participação foi voluntária, anônima e destinada a brasileiros com 18 anos ou mais.

As análises foram realizadas nos softwares JASP 0.95.3 e JAMOVI (Versão 2.3.28). Inicialmente, procedeu-se à inspeção dos dados quanto à presença de valores omissos e *outliers*, bem como à verificação dos pressupostos de normalidade multivariada. A estrutura fatorial e a fidedignidade das medidas foram avaliadas por meio de Análise Fatorial Confirmatória (AFC) com

estimador robusto (*Maximum Likelihood Robust* - MLR) e coeficientes Ômega de McDonald e Alfa de Cronbach.

Para o teste das hipóteses de moderação, adotaram-se duas estratégias analíticas distintas, em função da natureza da distribuição das variáveis dependentes. Para o Altruísmo Autoinformado (EAA), utilizou-se Regressão Linear Múltipla Hierárquica, inserindo-se os preditores em blocos hierárquicos (efeitos principais seguidos pelos termos de interação) para avaliar o incremento na variância explicada (ΔR^2). Já para o Cenário de Ajuda, devido a um efeito de teto expressivo na distribuição das respostas, a variável critério foi dicotomizada (1 = ajuda máxima; 0 = demais respostas) de modo a efetuar uma Regressão Logística Binária Hierárquica para estimar a probabilidade de endosso à ajuda máxima (*Odds Ratio*), seguindo a mesma estrutura de inserção de blocos dos modelos lineares. Para mitigar problemas de multicolinearidade decorrentes dos termos de interação, as variáveis predictoras contínuas foram padronizadas (escores-z) antes da análise.

Resultados

Inicialmente, os dados foram inspecionados quanto à qualidade e adequação às análises planejadas. Não houve dados omissos nas variáveis principais (dados ausentes = 0). Testes de normalidade indicaram violação do pressuposto de normalidade (Shapiro–Wilk, $p < 0,001$), o que sugere cautela na interpretação de testes paramétricos.

A Tabela 1 apresenta as médias, desvios-padrão e correlações bivariadas de Pearson entre os domínios do QFM-2, compaixão (EBCSC), medos em oferecer compaixão, empatia (IRI–CE e IRI–TP) e indicadores de prosocialidade (EAA e dilema). Em termos descritivos, observou-se maior endosso médio para Cuidado ($M = 4,00$; $DP = 0,76$) e menor para Pureza ($M = 2,86$; $DP = 1,25$). As fundações morais apresentaram associações positivas entre si, sugerindo covariação entre os domínios (p.ex., Autoridade/Lealdade x Cuidado: $r = 0,56$, $p < 0,001$; Cuidado x Igualdade: $r = 0,44$, $p < 0,001$).

Tabela 1*Correlações Bivariadas entre as Variáveis*

Variável	Média	DP	EAA	Dilema ajuda	Dilema valor	EBCSC	Medos	IRI – CE	IRI – TP	Lealdade/Autoridade	Cuidado	Igualdade	Proporcionalidade	Pureza
EAA	62,83	19,27	—											
Dilema – Ajuda	85,86	22,13	0,24+	—										
Dilema - valor	184,00	355,14	0,11*	0,17+	—									
EBCSC	74,79	20,35	0,48+	0,34+	0,14**	—								
Medos	62,49	20,33	-0,02	-0,01	-0,00	-0,10*	—							
IRI – CE	78,65	17,39	0,36+	0,31+	0,12**	0,76+	-0,01	—						
IRI – TP	37,03	6,86	0,36+	0,31+	0,12**	0,61+	0,01	0,69+	—					
Lealdade/Autoridade	3,67	0,83	0,23+	0,09*	0,10*	0,39+	0,04	0,37+	0,33+	—				
Cuidado (C)	4,00	0,76	0,27+	0,24+	0,08	0,63+	-0,08	0,62+	0,45+	0,56+	—			
Igualdade (I)	3,37	1,06	0,13**	0,07	0,01	0,24+	0,14**	0,28+	0,16+	0,34+	0,44+	—		
Proporcionalidade (P)	3,90	0,83	0,11*	0,02	0,09	0,19+	0,15**	0,24+	0,27+	0,46+	0,40+	0,25+	—	
Pureza (Pu)	2,86	1,25	0,09*	0,06	0,03	0,24+	0,09	0,19+	0,06	0,54+	0,32+	0,17+	0,20+	—

Nota. N = 458. Valores abaixo da diagonal representam correlações de Pearson (r). EBCSC = Escala Breve de Compaixão de Santa Clara; Medos = Expressar Medos da compaixão; IRI – CE = Consideração Empática; IRI – TP = Tomada de Perspectiva; EAA = Altruísmo Autoinformado; Dilema ajuda = Dilema de Compaixão (ajuda); Dilema valor: quantia em R\$. Os domínios do QFM-2 variam de 1 a 5, enquanto Dilema ajuda, EBCSC, Medos, IRI e EAA variam de 0 a 100; o Dilema valor está em unidade monetária (R\$), o que explica discrepâncias nas magnitudes das médias e dos desvios-padrão. * p < 0,05. ** p < 0,01. + p < 0,001.

Conforme esperado, compaixão (EBCSC) correlacionou-se positivamente com Cuidado ($r = 0,63$, $p < 0,001$) e com indicadores de empatia, sobretudo Consideração Empática (IRI-CE; $r = 0,76$, $p < 0,001$) e Tomada de Perspectiva (IRI-TP; $r = 0,61$, $p < 0,001$). Medos em oferecer compaixão exibiram associações predominantemente fracas, destacando-se correlações positivas pequenas com Igualdade ($r = 0,14$, $p < 0,01$) e Proporcionalidade ($r = 0,15$, $p < 0,01$), bem como uma pequena correlação negativa com EBCSC ($r = -0,10$, $p < 0,05$). Em relação ao altruísmo autoinformado (EAA), observou-se correlação positiva moderada com compaixão ($r = 0,48$, $p < 0,001$), e correlações positivas menores com os domínios morais (Autoridade/Lealdade: $r = 0,23$, $p < 0,001$; Cuidado: $r = 0,27$, $p < 0,001$; Igualdade: $r = 0,13$, $p = 0,006$). Para os dilemas, compaixão apresentou associação positiva com a decisão de ajuda ($r = 0,34$, $p < 0,001$) e com o dilema quantitativo ($r = 0,14$, $p = 0,003$), enquanto as associações entre fundamentos morais e dilemas foram, em geral, pequenas. Em conjunto, esse padrão bivariado sugere covariação entre preditores conceitualmente próximos, tornando pertinente a verificação explícita de colinearidade nos modelos de regressão com múltiplos termos, especialmente interações.

Regressão Linear Hierárquica Múltipla

Em seguida, para testar o modelo preditivo, foi conduzida regressão linear hierárquica múltipla com escores padronizados (z) predizendo altruísmo autoinformado (EAA). No Modelo 1, foram incluídos os cinco domínios do QFM-2, compaixão (EBCSC) e medos em oferecer compaixão. No Modelo 2, foram adicionadas as interações entre os domínios e compaixão. No Modelo 3, foram adicionadas as interações envolvendo medos e os termos de três vias (domínio \times compaixão \times medos).

O Modelo 1 foi significativo e explicou $R^2 = 0,25$ da variância do altruísmo, $F(7, 450) = 21,11$, $p < 0,001$. A inclusão dos termos de interação com compaixão no Modelo 2 elevou R^2 para 0,26; contudo, o incremento não atingiu significância estatística ($\Delta R^2 = 0,02$), $\Delta F(5, 445) = 2,03$, $p = 0,073$. O Modelo 3 apresentou $R^2 = 0,29$, mas novamente sem incremento significativo em relação ao

Modelo 2 ($\Delta R^2 = 0,03$), $\Delta F(11, 434) = 1,41$, $p = 0,163$. Assim, embora o modelo final tenha sido globalmente significativo, os ganhos incrementais atribuíveis aos blocos de interação foram modestos do ponto de vista estatístico.

Tabela 2*Regressão linear hierárquica múltipla (escores z) predizendo altruísmo autorrelatado (EAA)*

Preditor	Modelo 1				Modelo 2				Modelo 3			
	B	EP	t	p	b	EP	t	p	b	EP	t	p
Intercepto	0,00	0,04	0,05	0,96	0,01	0,05	0,14	0,89	0,01	0,05	0,24	0,81
Lealdade/Autoridade (LA)	0,11	0,06	1,93	0,05	0,11	0,06	1,80	0,07	0,10	0,06	1,58	0,11
Cuidado	-0,11	0,06	-1,70	0,09	-0,10	0,07	-1,52	0,13	-0,06	0,07	-0,93	0,35
Igualdade	0,02	0,05	0,47	0,64	0,02	0,05	0,47	0,64	0,01	0,05	0,19	0,85
Proporcionalidade	0,01	0,05	0,13	0,90	0,01	0,05	0,27	0,79	0,02	0,05	0,35	0,72
Pureza	-0,07	0,05	-1,35	0,18	-0,06	0,05	-1,18	0,24	-0,07	0,05	-1,36	0,17
Compaixão (EBCSC)	0,52	0,05	9,80	< 0,001	0,53	0,06	9,69	< 0,001	0,49	0,06	8,43	< 0,001
Medos Compaixão	0,01	0,04	0,30	0,76	0,01	0,04	0,16	0,87	0,05	0,06	0,84	0,40
LA x Compaixão	—	—	—	—	-0,11	0,06	-1,91	0,06	-0,03	0,06	-0,43	0,66
Cuidado x Compaixão	—	—	—	—	0,03	0,04	0,77	0,44	0,00	0,06	-0,05	0,96
Igualdade x Compaixão	—	—	—	—	0,10	0,05	2,23	0,03	0,14	0,05	2,83	0,01
Proporcionalidade x Compaixão	—	—	—	—	0,00	0,05	0,00	1,00	-0,03	0,05	-0,59	0,55
Pureza x Compaixão	—	—	—	—	-0,04	0,05	-0,73	0,46	-0,06	0,05	-1,14	0,26
LA x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	0,13	0,06	2,17	0,03
Cuidado x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	-0,12	0,07	-1,76	0,08
Igualdade x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	0,06	0,05	1,25	0,21
Proporcionalidade x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	-0,12	0,06	-2,15	0,03
Pureza x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	-0,07	0,05	-1,23	0,22
Compaixão x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	0,04	0,06	0,62	0,54

LA x Compaixão x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	-0,10	0,06	-1,65	0,10
Cuidado x Compaixão x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	0,00	0,04	0,05	0,96
Igualdade x Compaixão x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	-0,06	0,05	-1,20	0,23
Proporcionalidade x Compaixão x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	0,09	0,06	1,55	0,12
Pureza x Compaixão x Medos	—	—	—	—	—	—	—	—	0,07	0,06	1,11	0,27
R ²		0,25				0,26					0,29	
R ² ajustado		0,24				0,24					0,25	
ΔR ²		—				0,02					0,03	
F (gl1, gl2)		21,11 (7; 450)				13,30 (12; 445)					7,69 (23; 434)	
ΔF (gl1, gl2)		—				2,03 (5; 445)					1,41 (11; 434)	
p (ΔF)		—				0,07					0,16	
N		458				458					458	

Nota. b = coeficiente de regressão; EP = erro-padrão. As variáveis preditoras e o desfecho foram padronizados (escores z). Modelo 1 incluiu efeitos principais (fundamentos morais, compaixão e medos). Modelo 2 adicionou interações de duas vias com compaixão. Modelo 3 adicionou interações com medos e interações triplas.

Nos efeitos diretos, compaixão manteve-se como o preditor mais robusto do altruísmo em todos os modelos (Modelo 3: $b = 0,49$, $EP = 0,06$, $t = 8,43$, $p < 0,001$). Em contraste, os domínios do QFM-2 e os medos em oferecer compaixão não apresentaram efeitos diretos estatisticamente significativos no modelo final ($p \geq 0,11$), sugerindo que, sob controle simultâneo dos demais preditores, suas contribuições lineares independentes para EAA foram pequenas ou instáveis.

Foram verificados pressupostos e diagnósticos dos modelos com interação. No Bloco 2, o teste de Durbin-Watson não indicou autocorrelação dos resíduos ($DW = 2,12$, $p = 0,20$), e os termos de interação com compaixão apresentaram VIFs entre 1,29 e 1,91 e tolerâncias entre 0,52 e 0,78, não sugerindo multicolinearidade problemática nesse bloco. No Bloco 3, o teste de Durbin-Watson também não indicou autocorrelação ($DW = 2,08$, $p = 0,39$) e as estatísticas de colinearidade dos termos envolvendo medos e das interações de três vias apresentaram VIFs entre 1,60 e 2,94 e tolerâncias entre 0,34 e 0,63, indicando ausência de multicolinearidade severa. Os dados estão na Tabela 3. A inspeção do gráfico Q-Q indicou aderência geral dos resíduos à normalidade, com desvios discretos nas caudas.

Tabela 3

Pressupostos e colinearidade por modelo (Modelos 2 e 3)

Indicador	Modelo 2	Modelo 3
Autocorrelação (Durbin-Watson)	-0,04	-0,03
Estatística DW	2,08	2,06
p (DW)	0,382	0,458
VIF (mín. – máx.)	1,12 - 2,62	1,43 - 3,59
Tolerância (mín. – máx.)	0,38 - 0,89	0,28 - 0,70

Nota. DW = Durbin-Watson. Os intervalos de VIF e tolerância referem-se aos preditores incluídos em cada modelo.

No Modelo 3, três interações de duas vias atingiram significância estatística: Igualdade × Compaixão ($b = 0,139$, $EP = 0,049$, $t = 2,83$, $p = 0,005$), Autoridade/Lealdade × Medos ($b = 0,134$, $EP = 0,062$, $t = 2,17$, $p = 0,031$) e Proporcionalidade × Medos ($b = -0,118$, $EP = 0,055$, $t = -2,15$, $p = 0,032$). As interações de três vias (domínio × compaixão × medos) não foram estatisticamente significativas ao nível de 0,05.

A introdução do bloco de interações (Modelo 3) não resultou em um incremento estatisticamente significativo na variância explicada global ($\Delta R^2 = 0,02$, $p = 0,16$). No entanto, procedeu-se à análise dos coeficientes individuais com base nas hipóteses teóricas *a priori* de moderação, uma estratégia analítica recomendada para testes de processos condicionais focados, independentemente da significância do teste *omnibus* do modelo (Hayes, 2018).

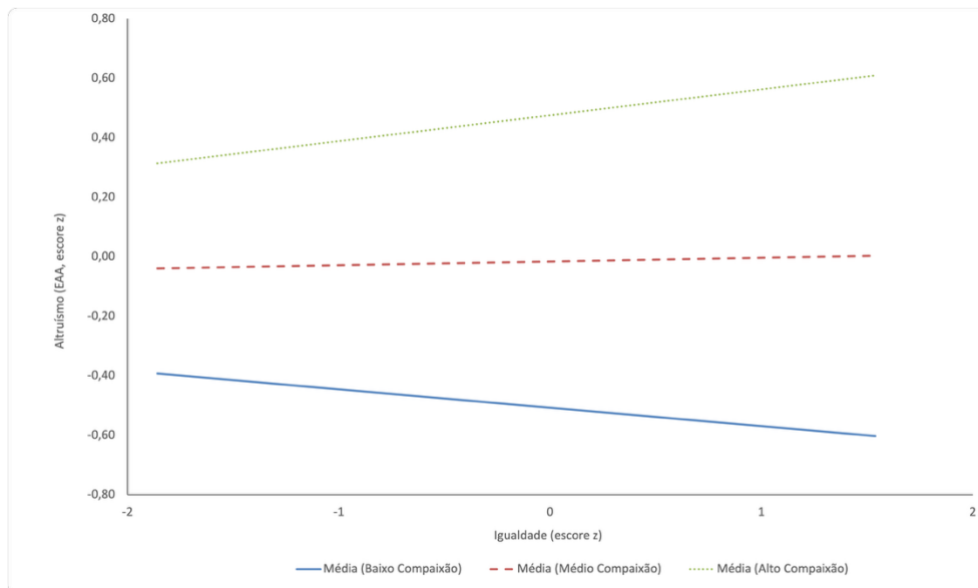
A decomposição das interações foi conduzida por inclinações simples, estimando-se o efeito condicional da variável focal em níveis baixo (-1 DP), médio (0) e alto (+1 DP) do moderador, conforme a padronização das variáveis. Para Igualdade × Compaixão, o coeficiente positivo da interação indica que níveis mais altos de compaixão fortalecem a relação entre Igualdade e altruísmo. Especificamente, quando a compaixão estava 1 DP abaixo da média, o efeito estimado de Igualdade sobre altruísmo foi negativo ($b \approx -0,130$); em nível médio de compaixão, o efeito foi próximo de zero ($b \approx 0,009$); e quando a compaixão estava 1 DP acima da média, o efeito tornou-se positivo ($b \approx 0,148$). Portanto, a associação entre Igualdade e altruísmo emergiu principalmente em níveis mais altos de compaixão, padrão coerente com um papel amplificador da motivação compassiva sobre a conversão de valores igualitários em disposição autorrelatada de ajuda. Para Autoridade/Lealdade × Medos, a interação positiva indica que o efeito de Autoridade/Lealdade sobre altruísmo torna-se mais positivo conforme aumentam os medos de oferecer compaixão. Em níveis baixos de medos (-1 DP), a inclinação foi levemente negativa ($b \approx -0,035$); em níveis médios, foi positiva e pequena ($b \approx 0,099$); e em níveis altos de medos (+1 DP), tornou-se mais claramente positiva ($b \approx 0,234$). Esse padrão sugere que a associação entre Autoridade/Lealdade e altruísmo

autorrelatado foi mais evidente entre participantes com níveis mais elevados de medo de oferecer compaixão.

Por fim, a decomposição da interação entre Proporcionalidade e Medos da Compaixão revelou um padrão de reversão. Enquanto em baixos níveis de medo a associação entre Proporcionalidade e Altruísmo tende a ser positiva ($b = 0,13$), em altos níveis de medo essa relação torna-se negativa ($b = -0,10$). Isso sugere que o medo de oferecer compaixão atua como um supressor, tornando a rigidez na proporcionalidade contraproducente para o comportamento de ajuda autoinformado.

Figura 2

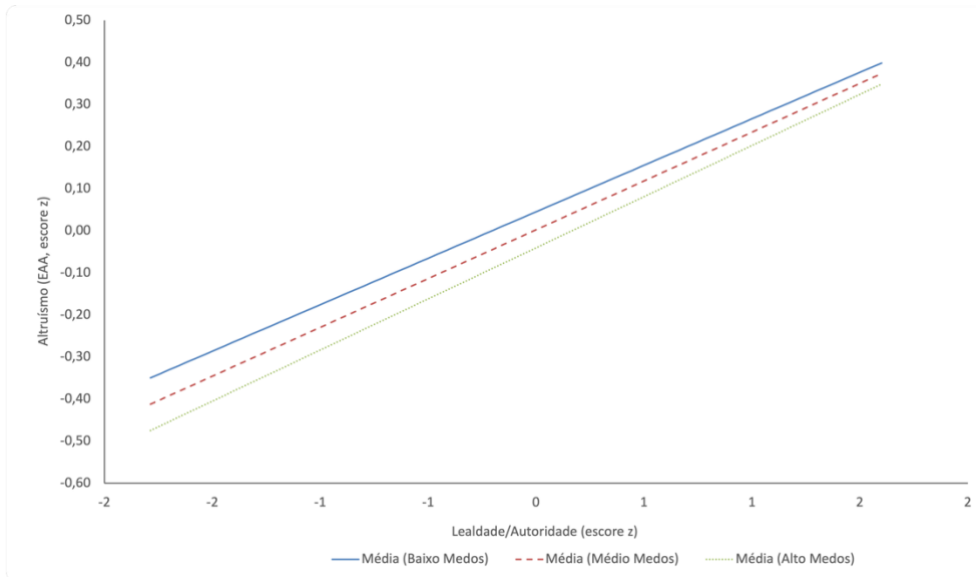
Interação entre o Fundamento Igualdade e a Compaixão na Predição do Altruísmo Autoinformado



Nota. As linhas representam a relação entre o fundamento Igualdade e o Altruísmo (EAA) em três níveis de Compaixão (EBCSC): Baixo (-1 DP), Médio (Média) e Alto (+1 DP). EAA = Escala de Altruísmo Autoinformado; EBCSC = Escala Santa Clara de Compaixão.

Figura 3

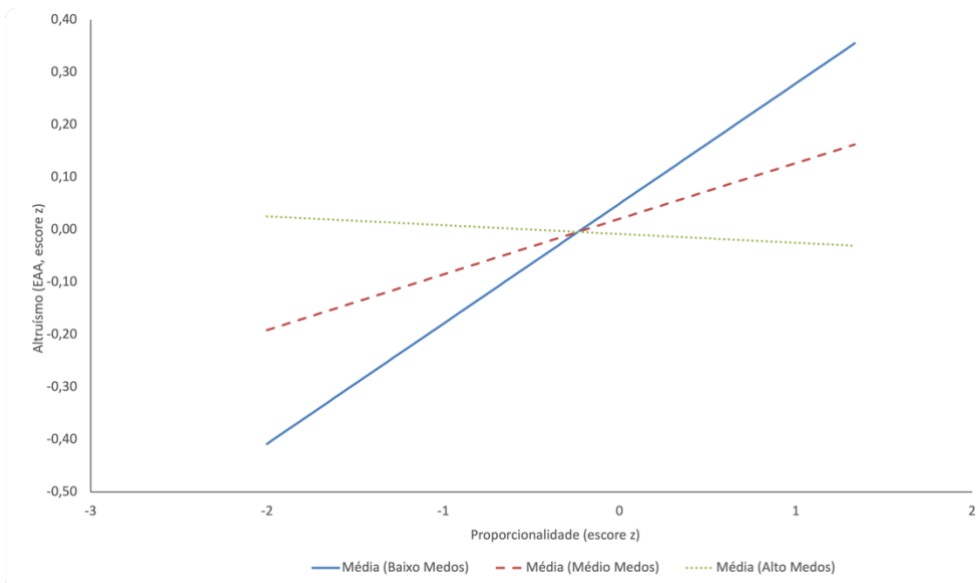
Interação entre o Fundamento Autoridade/Lealdade e os Medos da Compaixão na Predição do Altruísmo



Nota. As linhas ilustram a moderação dos Medos de Oferecer Compaixão na relação entre o fundamento Autoridade/Lealdade e o comportamento prosocial. Níveis do moderador plotados em $-1 DP$ (Baixo), Média e $+1 DP$ (Alto).

Figura 4

Interação entre o Fundamento Proporcionalidade e os Medos da Compaixão na Predição do Altruísmo



Nota. As linhas representam a associação entre Proporcionalidade e Altruísmo em diferentes níveis de Medos de Oferecer Compaixão. Observa-se a mudança na inclinação (slope) conforme o nível de medo aumenta ($-1 DP$, Média, $+1 DP$).

Predição da Intenção de Ajuda no Cenário de Dilema (Regressão Logística)

A predição da intenção de ajuda no Dilema Moral Compassivo exigiu uma estratégia analítica distinta. A inspeção exploratória revelou um efeito de teto acentuado na variável dependente: a mediana situou-se em 99 e 49,1% da amostra ($n = 225$) indicou a probabilidade máxima de ajuda

(escore 100). Dada a violação dos pressupostos para modelos lineares decorrente dessa assimetria, a variável de desfecho foi dicotomizada para viabilizar uma Regressão Logística Binária. Definiu-se como evento de interesse (1) a ajuda máxima e como categoria de referência (0) as demais respostas (escores 0 - 99; 50,9%; n = 233). Essa distribuição balanceada assegurou a variabilidade necessária para a estimação do modelo, que seguiu a mesma estrutura hierárquica de blocos (M0 a M3) da análise linear, estimando-se a Razão de Chances (*Odds Ratio*) para a manifestação de intenção total de ajuda.

O Modelo 1 (M1) incluiu os efeitos principais dos cinco domínios morais (Cuidado, Igualdade, Lealdade/Autoridade, Proporcionalidade e Pureza), da Compaixão (EBCSC) e dos Medos de Oferecer Compaixão. O Modelo 2 (M2) adicionou os termos de interação de duas vias entre cada domínio moral e a compaixão, testando a hipótese de moderação simples. Por fim, o Modelo 3 (M3) incorporou as interações de duas vias envolvendo os medos (Domínio × Medos; Compaixão × Medos) e os termos de interação de três vias (Domínio × Compaixão × Medos), constituindo o modelo focal para o teste da hipótese de moderação moderada.

Tabela 4

Regressão logística hierárquica predizendo o cenário de ajuda (binário)

Preditor	Modelo 1 (M ₁)			Modelo 2 (M ₂)			Modelo 3 (M ₃)		
	b (EP)	RC [IC95%]	p	b (EP)	RC [IC95%]	p	b (EP)	RC [IC95%]	p
Intercepto	-0,20 (0,12)	0,82 [0,65; 1,03]	0,09	-0,27 (0,13)	0,76 [0,59; 0,98]	0,04	-0,32 (0,14)	0,73 [0,55; 0,96]	0,03
Lealdade/Autoridade (LA)	0,00 (0,14)	1,00 [0,76; 1,32]	0,98	-0,06 (0,14)	0,94 [0,71; 1,25]	0,66	-0,05 (0,16)	0,95 [0,70; 1,30]	0,77
Cuidado	0,07 (0,16)	1,07 [0,78; 1,46]	0,67	0,18 (0,16)	1,20 [0,87; 1,65]	0,27	0,20 (0,18)	1,22 [0,86; 1,72]	0,27
Igualdade	-0,06 (0,12)	0,94 [0,75; 1,18]	0,60	-0,08 (0,12)	0,93 [0,74; 1,16]	0,51	-0,08 (0,12)	0,92 [0,72; 1,18]	0,52
Proporcionalidade	0,04 (0,12)	1,04 [0,83; 1,31]	0,73	0,00 (0,12)	1,00 [0,79; 1,27]	0,98	-0,04 (0,13)	0,96 [0,74; 1,23]	0,73
Pureza	-0,00 (0,00)	1,00 [1,00; 1,00]	0,02	-0,00 (0,00)	1,00 [1,00; 1,00]	0,08	-0,00 (0,00)	1,00 [1,00; 1,00]	0,03
Compaixão (EBCSC)	0,74 (0,14)	2,09 [1,59; 2,74]	< 0,001	0,88 (0,16)	2,41 [1,77; 3,28]	< 0,001	1,08 (0,18)	2,94 [2,05; 4,23]	< 0,001
Medos em oferecer compaixão (Medos)	0,05 (0,10)	1,05 [0,86; 1,29]	0,61	0,06 (0,11)	1,06 [0,86; 1,30]	0,60	0,10 (0,16)	1,11 [0,81; 1,50]	0,52
LA × Compaixão	—	—	—	-0,03 (0,14)	0,97 [0,74; 1,27]	0,84	-0,19 (0,16)	0,83 [0,60; 1,14]	0,25
Cuidado × Compaixão	—	—	—	0,23 (0,11)	1,26 [1,03; 1,56]	0,03	0,16 (0,15)	1,17 [0,87; 1,58]	0,30
Igualdade × Compaixão	—	—	—	—	—	—	0,25 (0,13)	1,29 [0,99; 1,67]	0,05
Proporcionalidade × Compaixão	—	—	—	-0,17 (0,13)	0,84 [0,66; 1,08]	0,19	-0,13 (0,15)	0,88 [0,66; 1,18]	0,40
Pureza × Compaixão	—	—	—	0,00 (0,00)	1,00 [1,00; 1,00]	0,25	0,00 (0,00)	1,00 [1,00; 1,00]	0,09
LA × Medos	—	—	—	—	—	—	-0,21 (0,16)	0,81 [0,59; 1,10]	0,18
Cuidado × Medos	—	—	—	—	—	—	0,20 (0,18)	1,22 [0,86; 1,74]	0,26
Igualdade × Medos	—	—	—	-0,09 (0,10)	0,91 [0,75; 1,11]	0,37	0,01 (0,14)	1,01 [0,77; 1,31]	0,96
Proporcionalidade × Medos	—	—	—	—	—	—	-0,02 (0,14)	0,98 [0,74; 1,30]	0,88
Pureza × Medos	—	—	—	—	—	—	0,00 (0,00)	1,00 [1,00; 1,00]	0,80
Compaixão × Medos	—	—	—	—	—	—	-0,42 (0,19)	0,66 [0,45; 0,95]	0,03
LA × Compaixão × Medos	—	—	—	—	—	—	0,25 (0,16)	1,28 [0,93; 1,77]	0,13
Cuidado × Compaixão × Medos	—	—	—	—	—	—	0,06 (0,11)	1,07 [0,85; 1,33]	,58

Igualdade × Compaixão × Medos	—	—	—	—	—	—	-0,11 (0,13)	0,90 [0,69; 1,16]	0,40
Proporcionalidade × Compaixão × Medos	—	—	—	—	—	—	-0,23 (0,16)	0,79 [0,58; 1,08]	0,14
Pureza × Compaixão × Medos	—	—	—	—	—	—	-0,00 (0,00)	1,00 [1,00; 1,00]	0,01
Deviância (-2LL)		577,70			568,50			548,60	
AIC		593,71			594,55			596,59	
BIC		626,72			648,20			695,64	
$\Delta\chi^2$ (vs. modelo anterior)		57,08			9,16			19,96	
gl (dif.)		7			5			11	
p ($\Delta\chi^2$)		< 0,001			0,10			0,05	
R ² de McFadden		0,09			0,10			0,14	
R ² de Nagelkerke		0,16			0,18			0,23	
R ² de Tjur		0,12			0,14			0,17	
R ² de Cox & Snell		0,12			0,14			0,17	

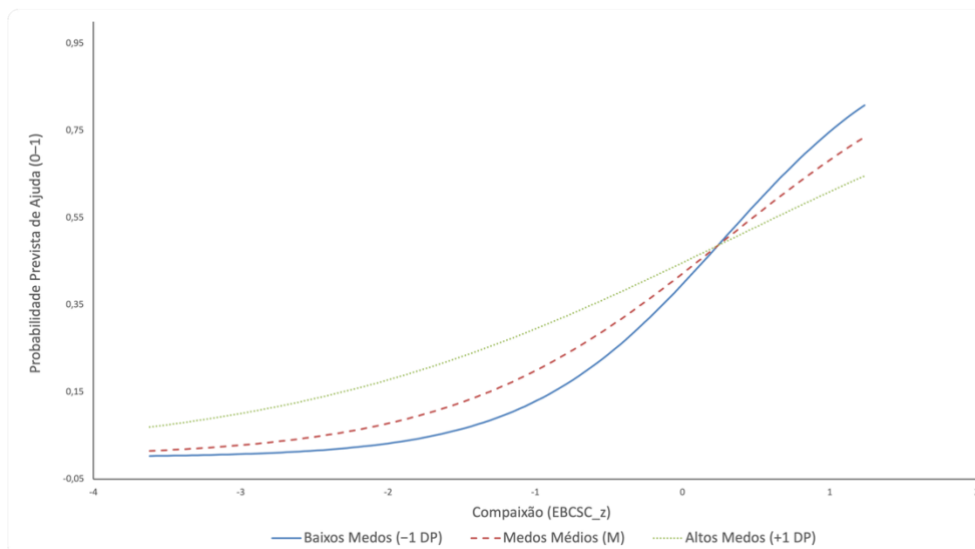
Nota. *b* = coeficiente no logit; EP = erro-padrão; RC = razão de chances; IC95% = intervalo de confiança de 95% da RC; $\Delta\chi^2$ = teste de razão de verossimilhança em relação ao modelo anterior; gl = graus de liberdade; R² = pseudo-R² (McFadden, Nagelkerke, Tjur e Cox & Snell). Os preditores foram padronizados (escores z); assim, as RCs representam a variação na razão de chances associada a um aumento de 1 DP no preditor. Cenário binário: 1 = resposta máxima (100); 0 = demais respostas. Valores ausentes (—) indicam que o termo não foi incluído no respectivo passo.

A comparação dos blocos hierárquicos revelou que o Modelo 1 (efeitos principais) apresentou melhoria significativa em relação ao modelo nulo (M0), $\Delta\chi^2 (7) = 57,08$, $p < 0,001$. A introdução do bloco de interações de 2 vias em M2 não resultou em melhora estatisticamente significativa em relação a M1 ($\Delta\chi^2 = 9,16$, $p = 0,10$). Por sua vez, o modelo focal (M3), que adicionou interações adicionais de 2 e 3 vias, apresentou melhora significativa em relação ao modelo 2 ($\Delta\chi^2 (11) = 19,96$, $p = 0,046$). Diferentemente do modelo linear esse resultado oferece suporte estatístico para a interpretação dos coeficientes de interação subsequentes.

Quanto aos preditores, a Compaixão emergiu consistentemente como o determinante mais robusto da intenção de ajuda. No modelo final, para cada aumento de um desvio-padrão na Compaixão, a chance de o participante oferecer ajuda máxima aumentou quase três vezes (RC = 2,94, IC 95% [2,05; 4,23], $p < 0,001$), mantendo constantes os demais fatores. Nenhuma das fundações morais apresentou predição significativa direta sobre a decisão de ajuda máxima neste modelo.

Crucialmente, destacou-se a interação significativa e negativa entre Compaixão e Medos ($b = -0,42$; RC = 0,66, IC 95% [0,45; 0,95], $p = 0,03$). A razão de chance menor que 1 indica um efeito amortecedor, isto é, embora a compaixão aumente a probabilidade de ajuda, essa associação positiva tende a enfraquecer em níveis mais altos de medo de oferecer compaixão, conforme ilustrado na Figura 5.

Figura 5



Adicionalmente, observou-se uma interação de três vias envolvendo a pureza ($p = 0,005$). Contudo, dado que a RC situou-se virtualmente em 1, o que indica ausência de efeito prático (Field, 2013), esse achado não foi interpretado substantivamente. Por fim, os diagnósticos de colinearidade confirmaram a estabilidade das estimativas diante da inclusão dos termos de interação, com valores dentro dos limites aceitáveis (Tolerância $\geq 0,30$; VIF $\leq 3,38$).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar a relação entre os fundamentos morais do cuidado e da igualdade, examinando o papel moderador da compaixão e do medo na sua oferta. Os resultados ofereceram suporte parcial às previsões, revelando uma dinâmica complexa entre o julgamento moral e a motivação afetiva. Confirmando a predição central sobre a primazia do afeto, a compaixão consolidou-se como o preditor mais robusto do altruísmo ($\beta = 0,49$; $p < 0,001$), superando a influência direta das fundações morais. Contudo, o modelo de moderação moderada comportou-se de maneira distinta entre os desfechos (Altruísmo Autorrelatado e cenário de ajuda) uma vez que, enquanto a hipótese de que a compaixão amplificaria o efeito das fundações individualizantes (Cuidado e Igualdade) recebeu suporte estatístico específico na predição do altruísmo

autoinformado, o cenário de decisão de ajuda sob custo, o papel inibitório dos medos da compaixão emergiu como um fator determinante, atenuando a própria motivação compassiva e revertendo a associação positiva do fundamento de Proporcionalidade.

Partindo dos efeitos mais diretos, a compaixão foi o preditor isolado mais forte no modelo, indicando que a disposição compassiva é um determinante central da tendência a comportamentos de ajuda. Esse resultado é convergente com modelos teóricos e evidências neurobiológicas que conceituam a compaixão não apenas como resposta emocional, mas como um sistema motivacional evolutivamente antigo, fisiologicamente orientado para o cuidado e a aproximação (Gilbert, 2015; Goetz et al., 2010). Diferentemente da empatia, que pode gerar angústia pessoal e afastamento, ou do julgamento moral abstrato, a compaixão envolve a ativação de sistemas neurais de recompensa e afiliação que sustentam o esforço necessário para aliviar o sofrimento alheio (Carter et al., 2017; Chierchia & Singer, 2017; Singer & Klimecki, 2014). Assim, a robustez deste efeito sugere que a “força motriz” para a ajuda reside primariamente na resposta afetiva de preocupação com o outro.

Em relação às fundações morais, o fato de elas apresentarem menor poder preditivo direto no modelo final pode ser interpretado de duas maneiras não excludentes. Primeiro, pode indicar que endossar princípios morais (por exemplo, julgar importante a justiça, o cuidado ou a lealdade) não se traduz automaticamente em ação, ainda que autorrelatada, quando outras disposições mais proximais à motivação de ajuda são consideradas. Esse ponto é compatível com abordagens clássicas da psicologia social que distinguem atitudes/valores gerais de comportamentos específicos e reconhecem a importância de fatores situacionais e motivacionais para converter preferências abstratas em conduta. Segundo, é possível que parte da variância do altruísmo associada às fundações morais seja compartilhada com variáveis afetivo-motivacionais fortemente relacionadas ao comportamento de ajuda, o que pode reduzir a contribuição incremental dos domínios morais quando todos os preditores são incluídos simultaneamente no modelo multivariado. Em ambos os casos, o resultado sugere uma distinção funcional, isto é, enquanto as fundações morais podem atuar como um “mapa” normativo indicando o dever, a compaixão opera como o “motor”

motivacional da ação. É importante notar que, apesar da correlação entre os construtos, os diagnósticos de colinearidade ($VIF < 3,4$; Hair et al., 2019) confirmam que a compaixão retém uma contribuição única e robusta, distinta do julgamento moral.

O suporte mais claro à hipótese de moderação emergiu na interação entre Igualdade e Compaixão ($\beta = 0,14$, $p = 0,005$). A decomposição deste efeito revelou um padrão de amplificação, uma vez que a associação positiva entre a valorização da Igualdade e o altruísmo tornou-se significativa e robusta apenas entre participantes com níveis elevados de compaixão ($b = 0,15$; $p < 0,05$).

Em termos estatísticos, a moderação indica que o tamanho (e, eventualmente, a direção) da associação entre Igualdade e altruísmo varia a diferentes níveis de compaixão. Uma possível interpretação é que entre participantes com maior compaixão, a associação entre Igualdade e altruísmo autorrelatado foi mais pronunciada. Já entre participantes com menor compaixão, a mesma associação foi mais fraca. Isso é conceitualmente coerente com a ideia de que o endosso de princípios morais relativamente abstratos, como os capturados pelas fundações morais, nem sempre se traduz de forma direta e uniforme em comportamento; em vez disso, a associação com a ajuda tende a depender de estados/disposições afetivo-motivacionais mais proximais, que favorecem a aproximação e o cuidado, como a compaixão (Haidt, 2001; Helion & Ochsner, 2018). O que permite levantar a hipótese de que a compaixão pode ser uma condição em que o endosso de Igualdade se associa mais a relatos de ajuda, em vez de uma ponte necessária entre a justiça abstrata e a ação concreta.

As interações envolvendo os Medos de Oferecer Compaixão revelaram nuances importantes sobre o custo social da ajuda. Especificamente, observou-se um efeito de reversão na interação com a Proporcionalidade. Em níveis elevados de medo, a associação entre este fundamento e o altruísmo tornou-se negativa, o que sugere que, para indivíduos receosos de se envolverem emocionalmente ou de serem explorados, a lógica da proporcionalidade (“dar apenas a quem merece”) pode deixar de ser um princípio de justiça para atuar como uma justificativa moral defensiva do não

engajamento. Esse padrão é compatível com modelos evolucionistas que postulam uma competição funcional entre o sistema de ameaça/autoproteção e o sistema de afiliação/cuidado, ou seja, quando o medo é ativado, ele pode cooptar princípios morais rígidos para racionalizar a evitação da ajuda (Gilbert et al., 2011; Gilbert & Mascaro, 2017).

Um resultado do presente estudo foi a ausência de predição significativa dos fundamentos coesivos (Lealdade/Autoridade e Pureza) sobre o comportamento prosocial, tanto no altruísmo autoinformado quanto no dilema de ajuda. Embora a Teoria das Fundações Morais postule que esses domínios são essenciais para a moralidade humana, sua função primária parece diferir da motivação para o cuidado direto. Enquanto Cuidado e Igualdade operam como orientadores de ação voltados para o bem-estar de indivíduos específicos (dimensão individualizante), os fundamentos coesivos funcionam predominantemente como marcadores de identidade social e aglutinadores de grupo.

Esses resultados não significativos, em relação aos fundamentos coesivos, dialogam com críticas crescentes à arquitetura modular proposta pela Teoria das Fundações Morais. Embora a TFM postule que domínios como Lealdade, Autoridade e Pureza sejam mecanismos evolutivos distintos equiparados ao Cuidado e à Justiça (Haidt & Joseph, 2007; Graham et al., 2013), teóricos contemporâneos argumentam que essa taxonomia pode ser artificial (Strupp-Levitsky et al., 2020; Suhler & Churchland, 2011). Segundo a Teoria da Moralidade Diádica, a percepção de dano, isto é, a de um agente intencional causando sofrimento a um paciente vulnerável, não é apenas um fundamento entre outros, mas o *template* cognitivo central de todo julgamento moral (Gray et al., 2012, 2014; Schein & Gray, 2018). Nessa perspectiva, o que a TFM classifica como violações de pureza ou de lealdade só são psicologicamente moralizadas na medida em que são percebidas, intuitivamente, como causadoras de dano a alguém ou ao grupo (Gray et al., 2014). A ausência de predição direta desses fundamentos no presente estudo corrobora a ideia de que, quando desconectados de uma percepção clara de dano ou benefício tangível como a ajuda, tais fundamentos podem funcionar mais como marcadores de identidade social ou preferência normativa do que como motivadores intrínsecos de ação moral (Cameron et al., 2015).

Adicionalmente, a estabilidade e a distinção empírica desses fundamentos têm sido alvo de escrutínio. Estudos recentes apontam que os fundamentos coesivos frequentemente apresentam altas correlações entre si, a exemplo do que ocorreu na amostra brasileira, onde os fundamentos Lealdade e Autoridade se combinaram em um único fator (Martins, Ramalho e Pilati, manuscrito não publicado), sugerindo que talvez não representem processos cognitivos independentes, mas sim uma orientação geral de conservadorismo ou conformidade grupal (Suhler & Churchland, 2011). Críticos apontam que a TFM pode estar confundindo moralidade com convenções sociais, falhando em distinguir normas universalmente obrigatórias daquelas contingentes à cultura local (Gray et al., 2012; Turiel, 2018). O fato do comportamento prosocial no modelo final ter sido explicado quase exclusivamente pela Compaixão, um mecanismo afetivo intrinsecamente ligado à percepção de sofrimento/dano, reforça a primazia do eixo "Dano" sobre os demais domínios propostos pela TFM, alinhando-se a modelos construcionistas que veem a moralidade como dependente de ingredientes afetivos básicos e não de módulos específicos (Cameron et al., 2015; Schein & Gray, 2018).

Por fim, a própria concepção funcionalista de "moralidade" adotada pela TFM, que define a moral como qualquer mecanismo que suprima o egoísmo e favoreça a cooperação grupal (Haidt, 2012), pode ser excessivamente ampla (e, por isso, pouco diagnóstica) para prever comportamentos específicos de ajuda. Essa definição permite a inclusão de comportamentos de submissão e segregação (como Lealdade e Autoridade) que, embora funcionais para a coesão interna de grupos, podem não ter a mesma natureza psicológica ou neurobiológica das motivações voltadas ao cuidado e à justiça (Suhler & Churchland, 2011). Os dados deste estudo sugerem que, quando se trata de motivar o altruísmo, essa distinção é crucial, uma vez que os mecanismos que ligam o indivíduo ao sofrimento do outro (Cuidado/Compaixão) parecem operar de forma distinta e mais robusta do que os mecanismos que ligam o indivíduo às normas do grupo, desafiando a equiparação teórica entre os fundamentos individualizantes e coesivos (Gray et al., 2012, 2014; Schein & Gray, 2015). Ao que parece, a TFM alça, artificialmente, à condição de "moral" elementos não-morais de ordem/coordenação sociocognitiva, tais como processos ligados à identidade grupal, percepção de

ameaça, necessidade de fechamento e orientações à dominância, propagando, desse modo, a ideia de que conteúdos como lealdade e autoridade constituir-se-iam como “fundamentos morais” no mesmo sentido em que cuidado e igualdade o seriam (Jost et al., 2003; Strupp-Levitsky et al., 2020; Suhler & Churchland, 2011).

Evidências recentes são consistentes com essa leitura ao mostrar que as chamadas preocupações “coesivas” (Graham et al., 2009, 2011) se alinham sistematicamente a motivos epistêmicos e existenciais de redução de incerteza/ameaça e a tendências de justificação do sistema, ao passo que preocupações “individualizantes” se associam mais diretamente a disposições empáticas, sugerindo uma base motivacional assimétrica entre esses conjuntos (Strupp-Levitsky et al., 2020). Além disso, críticas metodológicas e conceituais indicam que o próprio arcabouço e sua mensuração podem apresentar problemas de especificação e validade estrutural, o que reforça a necessidade de cautela ao tratar preocupações “coesivas” como moralidade no mesmo nível psicológico de cuidado/justiça (Braicovich, 2022; Martin et al., 2015; Strupp-Levitsky et al., 2020; Suhler & Churchland, 2011)

Nesse sentido, os dados do presente estudo corroboram a interpretação de que as dimensões tipicamente chamadas de “fundamentos coesivos” (lealdade/autoridade, proporcionalidade e pureza) refletem, primariamente, mecanismos de ordem sociocognitiva, i.e. disposições para a conformidade normativa, regulação hierárquica e proteção simbólica do endogrupo, do que domínios morais propriamente ditos. Embora tais disposições possam favorecer cooperação intergrupar em sentido funcional, esse critério é insuficiente para caracterizar moralidade, haja vista que a taxonomia usada por Haidt (2012) acomoda processos que organizam a vida coletiva por meio de controle, exclusão e manutenção de fronteiras sem exigir, como condição psicológica necessária, a motivação de reduzir sofrimento alheio ou promover imparcialidade.

A literatura sugere que esses fundamentos coesivos evoluíram primariamente para suprimir o egoísmo em favor da coesão do endogrupo, regulando hierarquias e protegendo a integridade

simbólica da comunidade, e não necessariamente para promover altruísmo universal (Haidt & Graham, 2007; Janoff-Bulman & Carnes, 2013).

Para além da diferenciação entre mecanismos de cuidado (orientados ao sofrimento) e mecanismos de ordem (orientados à normatividade intergrupala), os resultados também destacam a importância crítica das barreiras emocionais à ação prosocial, o que implica em afirmar que, mesmo quando a compaixão está disponível como motivação de mitigação do sofrimento, sua expressão comportamental pode se bloqueada por inibidores que promovem a evitação e retraimento frente ao sofrimento (Gilbert et al., 2011). Embora os Medos de Oferecer Compaixão não tenham exercido efeito principal direto sobre o altruísmo autoinformado (EAA), sua interação significativa no cenário de dilema ($RC = 0,66$) e com a fundação de Proporcionalidade revela uma dinâmica motivacional complexa na qual a inclinação e/ou capacidade de ajudar depende não apenas da presença de disposições prosociais, mas também da ausência de inibidores que bloqueiam a expressão desses comportamentos (Gilbert et al., 2011; Pfeiffer et al., 2024).

Teoricamente, isso corrobora a visão de que o sistema de afiliação e cuidado pode ser suprimido pela ativação do sistema de ameaça. Indivíduos com altos níveis de medo da compaixão podem desejar ajudar (i.e. endossam o fundamento moral), mas percebem a abertura emocional ou o envolvimento com o sofrimento alheio como perigosos, arriscados ou exaustivos (Gilbert & Mascaro, 2017). No dilema do estudo, onde o custo da ajuda era saliente, essa espécie de “freio” emocional tornou-se determinante, anulando o efeito positivo da compaixão disposicional.

Portanto, uma compreensão integral do comportamento prosocial demanda expandir o foco para além dos sistemas motivacionais de aproximação (compaixão e fundamentos individualizantes), incorporando a análise dos mecanismos inibitórios (medos e ameaças percebidas). A moralidade vivida não é apenas o somatório de princípios abstratos, mas o produto de uma interação dinâmica entre o sistema de cuidado, necessidade de autoproteção e constrangimentos situacionais que modulam a percepção de risco e custo ao ajudar. O reconhecimento de que o medo pode inverter a direção funcional dos fundamentos morais, transformando a Proporcionalidade em uma justificativa

para a recusa de ajuda, evidencia a complexidade psicológica da inação moral, que frequentemente reflete menos uma falha de caráter e mais processos de regulação emocional e percepção de segurança.

Limitações do presente estudo

A interpretação dos resultados deve considerar limitações metodológicas que qualificam as inferências. Embora o modelo teórico assuma a compaixão como antecedente motivacional, é plausível a existência de bidirecionalidade ou que terceiros fatores, como a desejabilidade social ou traços de personalidade como por exemplo a amabilidade, expliquem a covariância entre as medidas. Adicionalmente, o uso exclusivo de autorrelatos introduz o risco de variância de método comum e de consistência narrativa, onde os participantes alinham suas respostas para manter uma autoimagem moral coerente, potencialmente inflando as associações observadas.

Uma limitação metodológica específica refere-se ao efeito de teto no cenário de dilema, no qual quase metade da amostra indicou intenção máxima de ajuda. Isso exigiu a dicotomização da variável para a regressão logística, o que inevitavelmente reduz a variabilidade dos dados e o poder estatístico para detectar interações sutis. É possível que a ausência de alguns efeitos moderadores neste desfecho se deva a essa restrição de variância, e não necessariamente à ausência do fenômeno.

Apesar dessas ressalvas, os dados oferecem uma contribuição relevante ao indicar que a disposição compassiva é um correlato robusto da ajuda e que, para fundamentos como a Igualdade, a prosocialidade parece depender da amplificação pela compaixão. Mais criticamente, os resultados sobre os Medos de Oferecer Compaixão abrem novas avenidas de pesquisa. Estudos futuros devem priorizar delineamentos experimentais ou longitudinais, testando se intervenções focadas na redução desses medos (como o Treinamento do Cultivo da Compaixão da Universidade de Stanford ou o Treinamento da Mente Compassiva criado por Paul Gilbert) resultam em aumentos observáveis no comportamento prosocial. Além disso, recomenda-se o uso de medidas comportamentais com

custos reais (por exemplo, jogos econômicos com doação monetária) para verificar se o fenômeno da inversão da proporcionalidade e o bloqueio pelo medo se mantêm quando o custo da ajuda ultrapassa a intenção declarada.

Referências

- Atari, M., Haidt, J., Graham, J., Koleva, S., Stevens, S. T., & Dehghani, M. (2023). Morality beyond the WEIRD: How the nomological network of morality varies across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology, 125*(5), 1157–1188.
<https://doi.org/10.1037/pspp0000470>
- Avramova, Y. R., & Inbar, Y. (2013). Emotion and moral judgment. *WIREs Cognitive Science, 4*(2), 169–178. <https://doi.org/10.1002/wcs.1216>
- Batson, C. D. (2017). The Empathy-Altruism Hypothesis: What and So What? Em E. M. Seppälä, E. Simon-Thomas, S. L. Brown, M. C. Worline, C. D. Cameron, & J. R. Doty (Org.), *The Oxford Handbook of Compassion Science* (p. 0). Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190464684.013.3>
- Braicovich, R. S. (2022). Under- and Overspecification in Moral Foundation Theory. The Problematic Search for a Moderate Version of Innatism. *Revista de Humanidades de Valparaíso, 19*(1), 163–179. <https://doi.org/10.22370/rhv2022iss19pp163-179>
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1992). Alternative Ways of Assessing Model Fit. *Sociological Methods & Research, 21*(2), 230–258. <https://doi.org/10.1177/0049124192021002005>
- Cameron, C. D., Lindquist, K. A., & Gray, K. (2015). A constructionist review of morality and emotions: No evidence for specific links between moral content and discrete emotions. *Personality and Social Psychology Review: An Official Journal of the Society for Personality and Social Psychology, Inc, 19*(4), 371–394.
<https://doi.org/10.1177/1088868314566683>
- Carter, C. S., Bartal, I. B.-A., & Porges, E. C. (2017). The Roots of Compassion: An Evolutionary and Neurobiological Perspective. Em E. M. Seppälä, E. Simon-Thomas, S. L. Brown, M. C. Worline, C. D. Cameron, & J. R. Doty (Org.), *The Oxford*

Handbook of Compassion Science (p. 0). Oxford University Press.

<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190464684.013.14>

Chierchia, G., & Singer, T. (2017). Chapter 20—The Neuroscience of Compassion and Empathy and Their Link to Prosocial Motivation and Behavior. Em J.-C. Dreher & L. Tremblay (Org.), *Decision Neuroscience* (p. 247–257). Academic Press.

<https://doi.org/10.1016/B978-0-12-805308-9.00020-8>

Condon, P., & DeSteno, D. (2017). Enhancing Compassion: Social Psychological

Perspectives. Em E. M. Seppälä, E. Simon-Thomas, S. L. Brown, M. C. Worline, C.

D. Cameron, & J. R. Doty (Org.), *The Oxford Handbook of Compassion Science* (p.

0). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190464684.013.22>

Cuff, B. M. P., Brown, S. J., Taylor, L., & Howat, D. J. (2016). Empathy: A Review of the

Concept. *Emotion Review*, 8(2), 144–153. <https://doi.org/10.1177/1754073914558466>

Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a

multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1),

113–126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>

Eisenberg, N., & Miller, P. (1987). The Relation of Empathy to Prosocial and Related

Behaviors. *Psychological bulletin*, 101, 91–119. [https://doi.org/10.1037/0033-](https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91)

[2909.101.1.91](https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91)

Eisenberg, N., & Spinrad, T. (2014). Multidimensionality of Prosocial Behavior. Em

Prosocial Development: A Multidimensional Approach (p. 17–39). Laura M. Padilla-

Walker (ed.), Gustavo Carlo (ed.).

Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A.-G. (2009). Statistical power analyses using

G*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. *Behavior Research*

Methods, 41(4), 1149–1160. <https://doi.org/10.3758/BRM.41.4.1149>

- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics: And sex and drugs and rock “n” roll* (4th edition). Sage.
- Gallagher, S., Raffone, A., & Aglioti, S. M. (2024). The pattern theory of compassion. *Trends in Cognitive Sciences*, 28(6), 504–516. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2024.04.005>
- Gilbert, P. (2015). The Evolution and Social Dynamics of Compassion. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(6), 239–254. <https://doi.org/10.1111/spc3.12176>
- Gilbert, P. (2020). Compassion: From Its Evolution to a Psychotherapy. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.586161>
- Gilbert, P., & Mascaro, J. S. (2017). Compassion Fears, Blocks and Resistances: An Evolutionary Investigation. Em E. M. Seppälä, E. Simon-Thomas, S. L. Brown, M. C. Worline, C. D. Cameron, & J. R. Doty (Org.), *The Oxford Handbook of Compassion Science* (p. 0). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190464684.013.29>
- Gilbert, P., McEwan, K., Matos, M., & Ravis, A. (2011). Fears of compassion: Development of three self-report measures. *Psychology and Psychotherapy*, 84(3), 239–255. <https://doi.org/10.1348/147608310X526511>
- Goetz, J. L., Keltner, D., & Simon-Thomas, E. (2010). Compassion: An evolutionary analysis and empirical review. *Psychological Bulletin*, 136(3), 351–374. <https://doi.org/10.1037/a0018807>
- Goetz, J. L., & Simon-Thomas, E. (2017). The Landscape of Compassion: Definitions and Scientific Approaches. Em E. M. Seppälä, E. Simon-Thomas, S. L. Brown, M. C. Worline, C. D. Cameron, & J. R. Doty (Org.), *The Oxford Handbook of Compassion Science* (p. 0). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190464684.013.1>

- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Gouveia, R. S. V., Gomes, A. I. A. S. de B., & Souza, R. V. L. de. (2010). Escala de Altruísmo Autoinformado: Evidências de validade de construto. *Aletheia*, (33), 30–44.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-03942010000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Graham, J., Haidt, J., Koleva, S., Motyl, M., Iyer, R., Wojcik, S. P., & Ditto, P. H. (2013). Chapter Two - Moral Foundations Theory: The Pragmatic Validity of Moral Pluralism. Em P. Devine & A. Plant (Org.), *Advances in Experimental Social Psychology* (V. 47, p. 55–130). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-407236-7.00002-4>
- Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2009). Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(5), 1029–1046. <https://doi.org/10.1037/a0015141>
- Graham, J., Nosek, B. A., Haidt, J., Iyer, R., Koleva, S., & Ditto, P. H. (2011). Mapping the moral domain. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(2), 366–385. <https://doi.org/10.1037/a0021847>
- Gray, K., Schein, C., & Ward, A. F. (2014). The myth of harmless wrongs in moral cognition: Automatic dyadic completion from sin to suffering. *Journal of Experimental Psychology: General*, 143(4), 1600–1615. <https://doi.org/10.1037/a0036149>
- Gray, K., Young, L., & Waytz, A. (2012). Mind perception is the essence of morality. *Psychological Inquiry*, 23(2), 101–124. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2012.651387>
- Greene, J. D. (2014). *Moral tribes: Emotion, reason, and the gap between us and them*. Atlantic books.

- Haidt, J. (2001). The emotional dog and its rational tail: A social intuitionist approach to moral judgment. *Psychological Review*, *108*(4), 814–834.
<https://doi.org/10.1037/0033-295X.108.4.814>
- Haidt, J. (2012). *The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion* (1ª edição). Vintage.
- Haidt, J., & Graham, J. (2007). When Morality Opposes Justice: Conservatives Have Moral Intuitions that Liberals may not Recognize. *Social Justice Research*, *20*(1), 98–116.
<https://doi.org/10.1007/s11211-007-0034-z>
- Haidt, J., & Joseph, C. (2004). Intuitive Ethics: How Innately Prepared Intuitions Generate Culturally Variable Virtues. *Daedalus*, *133*(4), 55–66.
<https://www.jstor.org/stable/20027945>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2019). *Multivariate data analysis* (Eighth edition). Cengage.
- Hayes, A. F. (2018). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford Press.
- Helion, C., & Ochsner, K. N. (2018). The role of emotion regulation in moral judgment. *Neuroethics*, *11*(3), 297–308. <https://doi.org/10.1007/s12152-016-9261-z>
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, *6*(1), 1–55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Hwang, J. Y., Plante, T., & Lackey, K. (2008). The Development of the Santa Clara Brief Compassion Scale: An Abbreviation of Sprecher and Fehr's Compassionate Love Scale. *Pastoral Psychology*, *56*, 421–428. <https://doi.org/10.1007/s11089-008-0117-2>

- Iurino, K., & Saucier, G. (2018). Testing Measurement Invariance of the Moral Foundations Questionnaire Across 27 Countries. *Assessment, 27*(2), 365–372.
<https://doi.org/10.1177/1073191118817916>
- Janoff-Bulman, R., & Carnes, N. C. (2013). Surveying the moral landscape: Moral motives and group-based moralities. *Personality and Social Psychology Review, 17*(3), 219–236. <https://doi.org/10.1177/1088868313480274>
- Jost, J. T., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F. J. (2003). Political conservatism as motivated social cognition. *Psychological Bulletin, 129*(3), 339–375.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.339>
- Kline, R. B. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling* (Fourth edition). The Guilford Press.
- Kohlberg, L. (1994). *Stage and sequence: The cognitive-developmental approach to socialization* (p. 134). Garland Publishing.
- Landmann, H., & Hess, U. (2018). Testing moral foundation theory: Are specific moral emotions elicited by specific moral transgressions? *Journal of Moral Education, 47*(1), 34–47. <https://doi.org/10.1080/03057240.2017.1350569>
- Lim, D., & DeSteno, D. (2016). Suffering and compassion: The links among adverse life experiences, empathy, compassion, and prosocial behavior. *Emotion (Washington, D.C.), 16*(2), 175–182. <https://doi.org/10.1037/emo0000144>
- Marchetti, E., Bertolino, C. de O., Schiavon, C. C., Gurgel, L. G., Kato, S. K., Menezes, C. B., & Reppold, C. T. (2018). Escala breve de compaixão Santa Clara: Propriedades psicométricas para o contexto brasileiro. *Avaliação Psicológica, 17*(3), 371–377.
<https://doi.org/10.15689/ap.2018.1703.15208.10>
- Martin, D., Seppala, E., Heineberg, Y., Rossomando, T., Doty, J., Zimbardo, P., Shiue, T.-T., Berger, R., & Zhou, Y. (2015). Multiple facets of compassion: The impact of Social

- Dominance Orientation and Economic Systems Justification. *Journal of Business Ethics*, 129(1), 237–249. <https://doi.org/10.1007/s10551-014-2157-0>
- Matos, M., Gilbert, P., Gonçalves, E., Melo, I., Baumann, T., Yiu, R., & Steindl, S. (2021). O que é Compaixão?: Um estudo multicultural sobre as associações semânticas e experiências subjetivas de compaixão. *Psychologica*, 64, 11–50. https://doi.org/10.14195/1647-8606_64-2_1
- Pang, Y., Song, C., & Ma, C. (2022). Effect of Different Types of Empathy on Prosocial Behavior: Gratitude as Mediator. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.768827>
- Penner, L., Dovidio, J., Piliavin, J., & Schroeder, D. (2005). Prosocial Behavior: Multilevel Perspectives. *Annual review of psychology*, 56, 365–392. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.56.091103.070141>
- Pfeiffer, S., Peixoto Pereira, N., & Saraiva de Macedo Lisboa, C. (2024). Fears of Compassion Scales: Cross-Cultural Adaptation and Validity Evidence for Use in Brazil. *Trends in Psychology*, 32(4), 1460–1481. <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00220-4>
- Rest, J. R., & Barnett, R. (1986). *Moral development: Advances in research and theory*. Praeger.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values* (p. x, 438). Free Press.
- Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. dos S., Formiga, N. S., & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: Tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42(1), Artigo 1. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/6456>

- Schein, C., & Gray, K. (2015). The unifying moral dyad: Liberals and conservatives share the same harm-based moral template. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *41*(8), 1147–1163. <https://doi.org/10.1177/0146167215591501>
- Schein, C., & Gray, K. (2018). The Theory of Dyadic Morality: Reinventing Moral Judgment by Redefining Harm. *Personality and Social Psychology Review*, *22*(1), 32–70. <https://doi.org/10.1177/1088868317698288>
- Schwartz, S. H. (2012). An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, *2*(1). <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1116>
- Silvino, A. M. D., Pilati, R., Keller, V. N., Silva, E. P., Freitas, A. F. de P., Silva, J. N., & Lima, M. F. (2016). Adaptação do Questionário dos Fundamentos Morais para o Português. *Psico-USF*, *21*, 487–495. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210304>
- Sinclair, S., Norris, J., & McConnell, S. (2016). Compassion: A scoping review of the healthcare literature. *BMC Palliative Care*, *15*.
- Singer, T., & Klimecki, O. M. (2014). Empathy and compassion. *Current Biology*, *24*(18), R875–R878. <https://doi.org/10.1016/j.cub.2014.06.054>
- Stellar, J. E., Cohen, A., Oveis, C., & Keltner, D. (2015). Affective and physiological responses to the suffering of others: Compassion and vagal activity. *Journal of Personality and Social Psychology*, *108*(4), 572–585. <https://doi.org/10.1037/pspi0000010>
- Strauss, C., Lever Taylor, B., Gu, J., Kuyken, W., Baer, R., Jones, F., & Cavanagh, K. (2016). What is compassion and how can we measure it? A review of definitions and measures. *Clinical Psychology Review*, *47*, 15–27. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2016.05.004>
- Strupp-Levitsky, M., Noorbaloochi, S., Shipley, A., & Jost, J. T. (2020). Moral “foundations” as the product of motivated social cognition: Empathy and other psychological

- underpinnings of ideological divergence in “individualizing” and “binding” concerns. *PLOS ONE*, *15*(11), e0241144. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0241144>
- Suhler, C. L., & Churchland, P. (2011). Can innate, modular “foundations” explain morality? Challenges for Haidt’s moral foundations theory. *Journal of Cognitive Neuroscience*, *23*(9), 2103–2116. <https://doi.org/10.1162/jocn.2011.21637>
- Turiel, E. (2018). Reasoning at the Root of Morality. Em K. Gray & J. Graham (Ed.), *Atlas of Moral Psychology* (p. 10–19). The Guilford Press.
- Williams, B. (1994). *Ethics and the limits of philosophy* (7. print). Harvard Univ. Press.
- Yin, Y., & Wang, Y. (2023). Is empathy associated with more prosocial behaviour? A meta-analysis. *Asian Journal of Social Psychology*, *26*(1), 3–22. <https://doi.org/10.1111/ajsp.12537>
- Zakharin, M., & Bates, T. C. (2023). Moral Foundations Theory: Validation and replication of the MFQ-2. *Personality and Individual Differences*, *214*, 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2023.112339>

Anexos

Anexo 1 – Dados Sociodemográficos

Gênero

Gênero	Frequência	Percentual
Mulher (cisgênero ou transgênero)	338	74,1
Homem (cisgênero ou transgênero)	105	23,0
Não Binário	5	1,1
Prefiro Não Responder	8	1,8
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Raça

Raça	Frequência	Percentual
Branco(a)	237	52,0
Preto(a)	41	9,0
Pardo(a)	166	36,4
Amarelo(a)	10	2,2
Indígena	1	0,2
Prefiro Não Responder	1	0,2
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Escolaridade

Escolaridade	Frequência	Percentual
Ensino Fundamental Completo	3	0,7
Ensino Médio Incompleto	9	2,0
Ensino Médio Completo	84	18,4
Ensino Superior Incompleto	62	13,6
Ensino Superior Completo	197	43,2
Pós-Graduação	101	22,1
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Renda familiar

Renda	Frequência	Percentual
Até R\$ 1.000	13	2,9
De R\$ 1.001 a R\$ 5.000	163	35,7
De R\$ 5.001 a R\$ 10.000	132	28,9
Acima de R\$ 10.000	137	30,0
Prefiro Não Responder	11	2,4
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Duke – Crença em Deus

Duke – Crença em Deus	Frequência	Percentual
Sim	405	88,8
Não	51	11,2
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Duke – Ateu / Agnóstico / Outro

Duke – Ateu / Agnóstico / Outro	Frequência	Percentual
Não respondeu	322	70,6
Ateu	14	3,1
Agnóstico	37	8,1
Outro	83	18,2
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Duke – Religião

Duke – Religião	Frequência	Percentual
Não respondeu	44	9,6
Católico	167	36,6
Evangélico	140	30,7
Espírita	33	7,2
Outro	72	15,8
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Frequência de prática religiosa

Duke – Frequência vai a igreja	Frequência	Percentual
Mais do que uma vez por semana	57	12,5
Uma vez por semana	119	26,1
Duas a três vezes por semana	38	8,3
Algumas vezes por ano	115	25,2
Uma vez por ano ou menos	61	13,4
Nunca	66	14,5
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Tempo de prática religiosa

Duke – Tempo de prática	Frequência	Percentual
Mais do que uma vez ao dia	62	13,6
Diariamente	194	42,5
Duas ou mais vezes por semana	48	10,5
Uma vez por semana	37	8,1
Poucas vezes por mês	36	7,9
Raramente ou nunca	79	17,3
Ausentes	0	0,0
Total	456	100,0

Identidade econômica

Variável	Frequência	Porcentagem
Nada Liberal (0)	28	6,1%
Não liberal (1–4)	60	13,2%
Centro (5)	136	29,8%
Liberal (6–9)	156	34,2%
Totalmente Liberal (10)	76	16,7%
Total	456	100,0%

Nota. As porcentagens podem não totalizar 100% devido a arredondamentos. As categorias foram agrupadas conforme a escala de 0 a 10 de Identidade Econômica (0 Nada Liberal, 1–4 = Não liberal, 5 = Centro, 6–9 Liberal, 10 Totalmente Liberal).

Identidade Social

Variável	Frequência	Porcentagem
Totalmente Conservador (0)	40	8,8%
Conservador (1–4)	77	16,9%
Centro (5)	92	20,2%
Progressista (6–9)	177	38,8%
Totalmente Progressista (10)	99	21,7%
Total	456	100,0%

Nota. As porcentagens podem não totalizar 100% devido a arredondamentos. As categorias foram agrupadas conforme a escala de 0 a 10 de Identidade Social (0 Totalmente Conservador, 1–4 = Conservador, 5 = Centro, 6–9 = Progressista, 10 Totalmente Progressista).

Orientação Política

Variável	Frequência	Porcentagem
Extrema Esquerda (0)	33	7,2%
Esquerda (1–4)	107	23,5%
Centro (5)	123	27,0%
Direita (6–9)	128	28,1%
Extrema Direita (10)	65	14,3%
Total	456	100,0%

Nota. As porcentagens podem não totalizar 100% devido a arredondamentos. As categorias foram agrupadas conforme a escala de 0 a 10 de Orientação Política (Extrema Esquerda (0), Esquerda (1–4), Centro (5), Direita (6–9) e Extrema Direita (10)).

Anexo 2 – Análises Fatoriais Confirmatórias das escalas utilizadas

Cargas fatoriais e consistência interna do QFM-2

Item	A/L	I	C	Pu	Pr	Singularidade
Acho que as crianças devem ser ensinadas a serem leais ao seu país.	0,66					0,49
Acho que as pessoas devem ser recompensadas proporcionalmente ao que contribuem.	0,74					0,41
Me incomoda quando as pessoas não têm lealdade a seu país.	0,60					0,53
O esforço que um trabalhador coloca em seu trabalho deve ser proporcional ao aumento que ele recebe.	0,43		0,35			0,46
Todas as pessoas devem amar à suas comunidades.	0,58					0,45
Sou empático com aquelas pessoas que sofreram em suas vidas.	0,59					0,52
Acredito que seria ideal se todas as pessoas na sociedade ganhassem aproximadamente a mesma quantidade de dinheiro.	0,58					0,55
Todas as pessoas deveriam tentar consolar aqueles que estão passando por um momento difícil.	0,55					0,48
Todas as pessoas devem se sentir orgulhosas quando alguém da sua comunidade ganha uma competição internacional.	0,36					0,61
Acredito que um dos valores mais importantes a ser ensinado às crianças é o respeito à autoridade.	0,46					0,61
O mundo seria um lugar melhor se todos ganhassem a mesma quantia de dinheiro.		0,86				0,26
Acredito que a compaixão por aqueles que estão sofrendo é uma das virtudes mais importantes.		0,92				0,18
Todos devemos cuidar das pessoas que estão em sofrimento emocional.		0,66				0,42
Fico chateado quando as pessoas usam linguagem ofensiva/vulgar como se não fosse nada.		0,90				0,18
Todos devemos aprender com os mais velhos.		0,47				0,67
Em uma sociedade justa, aqueles que trabalham duro devem viver com padrões de vida mais altos.		0,57				0,62
Cuidar das pessoas que sofrem é uma virtude importante.			0,51			0,60
Acho que o corpo humano deve ser tratado como um templo, abrigando algo sagrado dentro de si.			0,77			0,39
Acredito que a castidade é uma virtude importante.			0,76			0,37
Acho que a obediência aos pais é uma virtude importante.			0,73			0,45

Todos devem defender seu país, se forem convocados.		0,71				0,39
Quando as pessoas trabalham juntas para um objetivo comum, elas devem dividir as recompensas igualmente, mesmo que alguns tenham trabalhado mais duro.		0,73				0,42
Acho que é importante para as sociedades prezarem pelos valores tradicionais.	0,35					0,74
Penso que a maioria das tradições tem uma função valiosa de manter a sociedade em ordem.			0,83			0,30
Fico feliz quando as pessoas são reconhecidas por seus méritos.			0,43			0,73
As pessoas devem tentar usar remédios naturais em vez de remédios humanos quimicamente idênticos.			0,72			0,36
Acho que as pessoas que são mais trabalhadoras devem ganhar mais dinheiro.				0,73		0,50
Nossa sociedade teria menos problemas se as pessoas tivessem a mesma renda.				0,58		0,59
Acredito que todos deveriam receber a mesma quantidade de recursos na vida.				0,61		0,50
Se eu descobrisse que um conhecido tem/tinha um fetiche sexual incomum, mas inofensivo, eu me sentiria desconfortável com ele.				0,76		0,43
Alfa de Cronbach	0,89	0,88	0,88	0,73	0,79	
Ômega de McDonald	0,89	0,89	0,88	0,76	0,79	

Nota. Solução rotacionada com rotação oblíqua (oblimin). A/L = Autoridade/Lealdade; I = Igualdade; C = Cuidado; Pu = Pureza; Pr = Proporcionalidade.

Correlações entre os fatores do QFM-2 (AFC)

Fator	1	2	3	4	5
1. A/L					
2. I	0,38		0,49		
3. C	0,64				
4. Pu	0,72	0,18	0,44		0,31
5. Pr	0,55	0,30	0,48		

Nota. Valores abaixo da diagonal representam correlações fatoriais padronizadas estimadas no modelo confirmatório.

Escala Breve de Compaixão de Santa Clara (EBCSC)

Índices de ajuste do modelo de AFC para a EBCSC (1 fator).

Índice	Valor
χ^2	102,714
gl	5
p	< 0,001
Estimador	ML

Nota. O item 1 foi fixado em 1,00 para identificação do modelo.

Cargas fatoriais (não padronizadas) da EBCSC (1 fator).

Indicador	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
EBCSC - Item 1	1,000	0,000	—	—	[1,000; 1,000]
EBCSC - Item 2	1,044	0,047	22,02	< 0,001	[0,951; 1,137]
EBCSC - Item 3	0,967	0,052	18,67	< 0,001	[0,866; 1,069]
EBCSC - Item 4	1,018	0,058	17,55	< 0,001	[0,904; 1,131]
EBCSC - Item 5	1,009	0,044	22,68	< 0,001	[0,922; 1,096]

Nota. EP = erro-padrão; IC = intervalo de confiança. O item 1 foi fixado em 1,00 para identificação do modelo.

Variâncias residuais dos itens da EBCSC.

Indicador	Variância residual	EP	z	p	IC 95%
EBCSC - Item 1	159,3	13,55	11,76	< 0,001	[132,78; 185,9]
EBCSC - Item 2	146,4	13,17	11,11	< 0,001	[120,57; 172,2]
EBCSC - Item 3	244,7	18,68	13,09	< 0,001	[208,03; 281,3]
EBCSC - Item 4	330,9	24,57	13,47	< 0,001	[282,72; 379,0]
EBCSC - Item 5	116,1	11,15	10,42	< 0,001	[94,26; 138,0]

Variância do fator latente da EBCSC.

Parâmetro	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
Var(Fator 1)	366,2	34,24	10,70	< 0,001	[299,1; 433,3]

Escala de Medos da Compaixão (Medos em oferecer compaixão)

Índices de ajuste do modelo de AFC para Medos em oferecer compaixão (1 fator).

Índice	Valor
χ^2	137,909
gl	27
p	< 0,001
CFI	0,922
TLI	0,896

RMSEA (IC 90%)	[0,080; 0,111]
SRMR	0,050
Estimador	ML

Cargas fatoriais (não padronizadas) para Medos em oferecer compaixão (1 fator).

Indicador	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
ExpMedos - Item 1	1,000	0,000	—	—	[1,000; 1,000]
ExpMedos - Item 2	0,862	0,095	9,064	< 0,001	[0,676; 1,048]
ExpMedos - Item 3	0,937	0,101	9,233	< 0,001	[0,738; 1,136]
ExpMedos - Item 4	1,095	0,087	12,648	< 0,001	[0,925; 1,264]
ExpMedos - Item 5	1,241	0,095	13,034	< 0,001	[1,054; 1,428]
ExpMedos - Item 6	1,070	0,096	11,147	< 0,001	[0,882; 1,259]
ExpMedos - Item 7	1,087	0,095	11,499	< 0,001	[0,902; 1,272]
ExpMedos - Item 8	1,188	0,095	12,512	< 0,001	[1,002; 1,374]
ExpMedos - Item 9	0,811	0,083	9,799	< 0,001	[0,649; 0,973]

Nota. EP = erro-padrão; IC = intervalo de confiança. O item 1 foi fixado em 1,00 para identificação do modelo.

Variância do fator latente para Medos em oferecer compaixão.

Parâmetro	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
Var(Fator 1)	328,5	47,38	6,933	< 0,001	[235,6; 421,4]

Interpersonal Reactivity Index (IRI)

Índices de ajuste do modelo de AFC para o IRI (CE e TP; 2 fatores).

Índice	Valor
χ^2	440,043
gl	64
p	< 0,001
CFI	0,889
TLI	0,865
RMSEA (IC 90%)	[0,104; 0,124]
SRMR	0,066
Estimador	ML

Cargas fatoriais (não padronizadas) do IRI (CE e TP).

Fator	Indicador	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
CE	IRI - CE - Item 1	1,000	0,000	—	—	[1,000; 1,000]
CE	IRI - CE - Item 2	0,703	0,047	14,90	< 0,001	[0,610; 0,795]
CE	IRI - CE - Item 3	0,981	0,052	18,77	< 0,001	[0,879; 1,084]
CE	IRI - CE - Item 4	1,086	0,057	18,90	< 0,001	[0,974; 1,199]
CE	IRI - CE - Item 5	1,047	0,062	16,85	< 0,001	[0,925; 1,169]
CE	IRI - CE - Item 6	1,050	0,063	16,69	< 0,001	[0,927; 1,173]
CE	IRI - CE - Item 7	1,055	0,078	13,55	< 0,001	[0,902; 1,207]
TP	IRI - TP - Item 8	1,000	0,000	—	—	[1,000; 1,000]
TP	IRI - TP - Item 9	0,779	0,059	13,11	< 0,001	[0,663; 0,896]
TP	IRI - TP - Item 10	0,743	0,059	12,57	< 0,001	[0,627; 0,859]
TP	IRI - TP - Item 11	0,881	0,060	14,64	< 0,001	[0,763; 0,998]
TP	IRI - TP - Item 12	1,133	0,080	14,17	< 0,001	[0,976; 1,290]

TP	IRI - TP - Item 13	0,935	0,061	15,43	< 0,001	[0,817; 1,054]
----	--------------------	-------	-------	-------	---------	----------------

Nota. CE = Consideração Empática; TP = Tomada de Perspectiva; EP = erro-padrão; IC = intervalo de confiança. Os itens 1 e 8 foram fixados em 1,00 para identificação dos fatores.

Variâncias e covariância dos fatores do IRI (CE e TP).

Parâmetro	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
Var(CE)	277,5	29,87	9,293	< 0,001	[219,0; 336,1]
Var(TP)	225,8	26,57	8,498	< 0,001	[173,7; 277,9]
Cov(CE, TP)	197,6	19,98	9,887	< 0,001	[158,4; 236,7]

Índices de ajuste do modelo de AFC para a EAA (1 fator).

Índice	Valor
χ^2	496,557
gl	119
p	< 0,001
CFI	0,852
TLI	0,831
RMSEA (IC 90%)	[0,076; 0,091]
SRMR	0,059
Estimador	ML

Cargas fatoriais (não padronizadas) da EAA (1 fator).

Indicador	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
EAA - Item 1	1,000	0,000	—	—	[1,000; 1,000]
EAA - Item 2	1,401	0,157	8,925	< 0,001	[1,094; 1,709]
EAA - Item 3	1,518	0,144	10,570	< 0,001	[1,237; 1,800]
EAA - Item 4	1,529	0,140	10,935	< 0,001	[1,255; 1,803]
EAA - Item 5	1,123	0,122	9,238	< 0,001	[0,884; 1,361]
EAA - Item 6	1,514	0,167	9,046	< 0,001	[1,186; 1,842]
EAA - Item 7	1,921	0,168	11,462	< 0,001	[1,592; 2,249]
EAA - Item 8	1,196	0,136	8,765	< 0,001	[0,929; 1,464]
EAA - Item 9	1,242	0,120	10,372	< 0,001	[1,007; 1,476]
EAA - Item 10	1,168	0,138	8,492	< 0,001	[0,899; 1,438]
EAA - Item 11	1,507	0,163	9,237	< 0,001	[1,187; 1,827]
EAA - Item 12	1,731	0,172	10,069	< 0,001	[1,394; 2,068]
EAA - Item 13	1,257	0,135	9,303	< 0,001	[0,992; 1,521]
EAA - Item 14	1,645	0,175	9,400	< 0,001	[1,302; 1,988]
EAA - Item 15	1,677	0,157	10,675	< 0,001	[1,369; 1,985]
EAA - Item 16	1,264	0,124	10,200	< 0,001	[1,021; 1,507]
EAA - Item 17	1,453	0,169	8,591	< 0,001	[1,122; 1,785]

Nota. EP = erro-padrão; IC = intervalo de confiança. O item 1 foi fixado em 1,00 para identificação do modelo.

Variância do fator latente da EAA.

Parâmetro	Estimativa	EP	z	p	IC 95%
Var(Fator 1)	163,2	26,54	6,147	< 0,001	[111,1; 215,2]

Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado participante, você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é avaliar comportamentos sociais.

Garantimos que todas as informações fornecidas ficarão sob a guarda dos pesquisadores responsáveis. Os dados serão utilizados unicamente para a produção de relatórios científicos.

A sua participação será através de um questionário, cujo tempo de preenchimento é de aproximadamente 10 minutos.

Sua participação é voluntária, portanto, você pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem qualquer ônus para você.

Não há riscos de cunho físico, psicológico ou moral envolvidos na realização da tarefa.

Agradecemos a gentileza pela sua participação. Caso queira mais informações sobre a pesquisa, entre em contato com o pesquisador Cristiano Ramalho (cristiano.ramalho@aluno.unb.br).

Sim, entendo e concordo.

Anexo 4 – Questionário das Fundações Morais 2

Para cada uma das afirmações abaixo, indique o quanto cada uma descreve você ou suas opiniões.

Opções de resposta: (1) Não me descreve de forma alguma; (2) Descreve-me ligeiramente; (3) Descreve-me moderadamente; (4) Descreve-me bem e (5) Descreve-me extremamente bem.

Cuidar das pessoas que sofrem é uma virtude importante.

O mundo seria um lugar melhor se todos ganhassem a mesma quantia de dinheiro.

Acho que as pessoas que são mais trabalhadoras devem ganhar mais dinheiro.

Acho que as crianças devem ser ensinadas a serem leais ao seu país.

Acho que o corpo humano deve ser tratado como um templo, abrigando algo sagrado dentro de si.

Acredito que a compaixão por aqueles que estão sofrendo é uma das virtudes mais importantes.

Nossa sociedade teria menos problemas se as pessoas tivessem a mesma renda.

Acho que as pessoas devem ser recompensadas proporcionalmente ao que contribuem.

Me incomoda quando as pessoas não têm lealdade a seu país.

Penso que a maioria das tradições tem uma função valiosa de manter a sociedade em ordem.

Acredito que a castidade é uma virtude importante.

Todos devemos cuidar das pessoas que estão em sofrimento emocional.

Acredito que todos deveriam receber a mesma quantidade de recursos na vida.

O esforço que um trabalhador coloca em seu trabalho deve ser proporcional ao aumento que ele recebe.

Todas as pessoas devem amar à suas comunidades.

Acho que a obediência aos pais é uma virtude importante.

Sou empático com aquelas pessoas que sofreram em suas vidas.

Acredito que seria ideal se todas as pessoas na sociedade ganhassem aproximadamente a mesma quantidade de dinheiro.

Todos devem defender seu país, se forem convocados.

Todos devemos aprender com os nossos idosos.

Se eu descobrisse que um conhecido tem/tinha um fetiche sexual incomum, mas inofensivo, eu me sentiria desconfortável com ele.

Todas as pessoas deveriam tentar consolar aqueles que estão passando por um momento difícil.

Quando as pessoas trabalham juntas para um objetivo comum, elas devem dividir as recompensas igualmente, mesmo que alguns tenham trabalhado mais duro.

Em uma sociedade justa, aqueles que trabalham duro devem viver com padrões de vida mais altos.

Acredito que um dos valores mais importantes a ser ensinado às crianças é o respeito à autoridade.

Me dói quando eu vejo alguém ignorando as necessidades de um outro ser humano.

Me incomoda quando uma pessoa tem muito mais dinheiro que outras no meu país.

Acredito que a força de uma equipe esportiva vem da lealdade de seus membros uns aos outros.

Acho que ter um líder forte é bom para a sociedade.

Admiro as pessoas que mantêm sua virgindade até o casamento.

Anexo 5 – Escala Breve de Compaixão de Santa Clara (EBCSC)

Este questionário busca avaliar o nível de compaixão (sensibilidade ao sofrimento e desejo de diminuí-lo).

Para cada uma das alternativas, marque, por favor (1) para “nada verdadeiro para mim” e (7) “muito verdadeiro para mim”.

Quando eu ouço falar de alguém (um estranho) passando por um momento difícil, sinto uma grande compaixão por ele/ela.

Tendo a sentir compaixão pelas pessoas, mesmo que eu não as conheça.

Uma das atividades que proporciona maior significado à minha vida é ajudar os outros quando precisam de ajuda.

Prefiro me engajar em ações que ajudem outros, mesmo que sejam estranhos, do que me engajar em ações que somente ajudariam a mim.

Geralmente me preocupo com as pessoas (mesmo que estranhas) quando estas parecem estar passando por alguma necessidade.

Anexo 6 – Escala de Medos da Compaixão

As pessoas têm entendimentos diferentes sobre como expressar preocupação e cuidado.

Abaixo está uma série de afirmações sobre as quais pedimos que você pense cuidadosamente e, então, marque o valor que melhor descreve como cada afirmação se aplica a você sendo o mínimo “Discordo totalmente” e o máximo “Concordo totalmente”.

As pessoas vão se aproveitar de mim se me virem como alguém muito compassivo.

Ter compaixão por pessoas que fizeram coisas ruins é permitir que elas se livrem das responsabilidades.

Existem pessoas que não merecem compaixão.

Eu receio que ser muito compassivo torna as pessoas um alvo fácil.

As pessoas irão se aproveitar se você perdoar muito e for muito compassivo.

Eu me preocupo que, se eu for compassivo, vou atrair pessoas vulneráveis e elas esgotarão meus recursos emocionais.

Eu receio que, se eu for compassivo, algumas pessoas se tornarão muito dependentes de mim.

Pessoas muito compassivas se tornam ingênuas e fáceis de se tirar proveito.

Para algumas pessoas, eu acho que disciplina e punições adequadas ajudam mais do que ser compassivo com elas.

Anexo 7 - Interpersonal Reactivity Index (IRI)

As questões a seguir buscam avaliar dimensões da empatia.

Marque o valor que melhor descreve como cada afirmação se aplica a você sendo o mínimo “não me descreve bem” e o máximo “descreve-me muito bem”.

Preocupo-me com as pessoas que não têm uma boa qualidade de vida.

Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente.

Incomodo-me com as coisas ruins que acontecem aos outros.

Fico comovido com os problemas dos outros.

Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo.

Costumo me emocionar com as coisas que vejo acontecer aos outros.

Descrevo-me como uma pessoa de “coração mole” (muito sensível).

Tento compreender meus amigos imaginando como eles vêem as coisas.

Escuto os argumentos dos outros, mesmo estando convicto de minha opinião.

Antes de tomar alguma decisão procuro avaliar todas as perspectivas.

Tento compreender o argumento dos outros.

Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico.

Coloco-me no lugar do outro se eu me preocupo com ele.

Anexo 8 – Escala de Altruísmo Autoinformado

Abaixo estão várias ações diferentes nas quais as pessoas às vezes se envolvem.

Leia cada uma delas e marque com que frequência você as realizou no passado, sendo o mínimo “nunca” e o máximo “muito frequentemente”.

Já dei direções ou orientações a um estranho.

Já troquei dinheiro para um estranho.

Já dei dinheiro para uma organização de caridade.

Já dei dinheiro para um estranho necessitado (ou que me pediu).

Já doei bens ou roupas para uma organização de caridade.

Já trabalhei como voluntário para uma organização de caridade.

Já ajudei a carregar os pertences de um estranho (livros, sacolas, etc.).

Já segurei um elevador e mantive a porta aberta para que um estranho pudesse entrar.

Já deixei alguém passar na minha frente em uma fila (na fotocopiadora ou no supermercado).

Já mostrei a um balconista (por exemplo, no supermercado, na lanchonete) seu erro por ter me cobrado menos do que eu deveria pagar.

Já deixei um vizinho, que não conheço muito bem, pegar emprestado algo de valor (por exemplo, ferramentas, eletrodomésticos).

Já comprei cartões de Natal de organizações de caridade só por saber que se tratava de uma boa causa.

Já ajudei um(a) colega de classe, que não conheço muito bem, com um trabalho da faculdade quando meu conhecimento era maior que o dele(a).

Já fui solicitado, voluntariamente, para tomar conta de animais de estimação ou crianças do vizinho sem receber qualquer pagamento em troca.

Já ofereci ajuda a um deficiente ou idoso desconhecido para atravessar a rua.

Já ofereci meu assento no ônibus para um desconhecido que estava de pé.

Já ajudei um conhecido a mudar de casa.

Anexo 9 – Dilema Compaixão

Parte 1

A seguir apresentamos uma situação social. Por favor responda o mais honestamente possível as perguntas que se seguem.

Um colega seu de profissão foi diagnosticado com uma doença grave e está organizando uma vaquinha online para custear um tratamento que é extremamente caro. Vocês se seguem nas redes sociais. Você vê o pedido da vaquinha online compartilhado em uma postagem dessa pessoa na sua rede social favorita. Sem o tratamento essa pessoa tem poucas chances de vida.

Marque qual a probabilidade de você contribuir financeiramente para essa vaquinha sendo o mínimo “totalmente improvável” e o máximo “totalmente provável”.

Qual a probabilidade de você contribuir?

Parte 2

Baseado na sua última resposta, informe o quanto você estaria disposto a doar na vaquinha.

Informe apenas o valor (números). Ex.: 100. Se você marcou 0% (Totalmente improvável), coloque o valor 0 (zero).

Com quanto você estaria disposto a contribuir? _____ reais